

DISTÚRBIOS

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

Texto estabelecido
por Luiza Lobo

PROSA

Volume 3

OS MANUSCRITOS

DE Z.

RIO DE JANEIRO

LITCULTNET

2013

DISTÚRBIOS¹

LUCIANO ZADZNAJDER

PRIMEIRO

Agora estamos realmente juntos e podemos começar esta tarefa, esta viagem, esta forma de autotransformação que nada transforma. Anota o que está acontecendo nesta viagem. Quem me diz para anotar? Realmente, alguém que está tão junto de mim que mal posso ver, tão íntimo. Quem sabe, um irmão que nasceu comigo e esteve sempre junto, que eu mal podia ver. Qual é o seu nome, meu filho, meu amigo? Está um pouco envergonhado e se escondeu nas dobras de mim mesmo. Será que não tem um pouco de educação e vem responder ao meu chamado?

Não é nada demais pegar o telefone e ligar para você mesmo. E encontrar o sinal de ocupado. Não há um jeito de falar. Peço auxílio à telefonista. Sua voz se parece, incrivelmente, com a de uma professora do primário, com quem aprendi o pouco que sei a respeito da reprodução das abelhas. Ela, também, me ensinou um – muito pouco mesmo – acerca do sexo dos seres humanos, assunto que não me tem interessado mais. Afinal, telefonista, será que o telefone está ocupado mesmo ou se quebrou? Mais e mais perguntas: será que ele tirou o aparelho do gancho de propósito? Uma bela metáfora esta do telefone. O pior de tudo é que esta pessoa que me diz as coisas não é uma metáfora e, ao contrário do que pensam por aí, não é um eu meu. Não. Realmente é uma figura mais ou menos conhecida minha que me tem acompanhado e muitas vezes até me sugere alguma coisa muito interessante.

Muito tímido, muito tímido. Afinal, uma convivência com alguém tímido tem de acabar em algum tipo de desentendimento. Até brigas e não apenas xingamentos. Íntimas

¹ Escrito aos 33 anos (ver final do texto). Mas também menciona quatro décadas de vida. Nota da Editora.

batalhas corporais. Sei que isto de batalha corporal não é muito comum. Talvez seja preciso explicar. Morder de verdade... as próprias mãos, os próprios lábios, chutar os próprios testículos etc...etc.

Todo mundo gosta de estar em paz com a própria consciência. Isto se chama: viver bem, muito bem. Talvez melhor do que ir comer nos melhores restaurantes ou sentar-se nas cadeiras dos poderosos. Mesmo o colo dos poderosos tem um saborzinho que poucos conseguem desprezar, especialmente se é um colozinho quente – talvez úmido – onde a gente pode se sentir seguro e certo de que vai comer ao menos um pouquinho do que está no prato dessa gente. Mesmo os poderosos gostam de estar em paz com sua consciência e talvez sejam os mais capazes de fazê-lo, possuindo para tanto uma habilidade ímpar. Meu tio – um homem que viveu seus últimos vinte anos entre um certo tipo de poderosos – sempre me dizia que eu devia juntar-me a eles se quisesse aprender realmente como lidar com a voz da consciência. Este meu tio era um grande imoralista, e se hoje me visse e soubesse como estou, ficaria muito triste e preocupado. Afinal, quem é este sujeito que tem o meu nome e minhas preocupações e os problemas de consciência que me afligem? Posso dizer a verdade: o que realmente me aflige é a certeza de que fracassei na vida.

O estudo do fracasso humano não vem recebendo ultimamente a consideração que merece. Eu próprio tentei evitar essa matéria por muitos anos, até que se tornou evidente que eu seria, também, um bom exemplo de livro-texto. Distingo os grandes fracassos do fracasso que está presente em qualquer vida. Obtendo menos atenção que merece, é sem dúvida um assunto bastante tabu.

Estas observações merecem ser mais metódicas. Não posso garantir se os maiores fracassados foram os suicidas – e não aqueles que apenas tentaram. Às vezes, estou certo de que os maiores fracassados viveram longamente. E, talvez, possa até dizer que houve fracassados bem sucedidos. Neste caso, o sucesso e o fracasso caminham tão juntos que é sempre muito difícil entender do que estou falando. Precisarei explicar isto melhor.

Não será possível fazê-lo agora. Afinal, tenho de destinar estas primeiras palavras a bem distinguir entre o que é verdade na minha vida e em que consistem as minhas preocupações atuais, e outras coisas de muito menor importância.

O assunto importante e mesmo fundamental é o fracasso. Não sou especialista em fracassos em geral. Conheço bem o meu e alguns outros. Pretendo, se conseguir uma soma respeitável, iniciar um centro de pesquisas sobre o fracasso. Não pretendo encontrar meios para evitá-lo. Meu objetivo é aperfeiçoá-lo, torná-lo mais evidente e mais conhecido, menos temido e até mais desejado. Acredito que estes estudos serão um marco na história humana. Sem dúvida, muitos no longo passado terão observado o fracasso e mesmo vivido grandes dificuldades ao pretenderem trazer o assunto à atenção geral. Mas jamais a mais desenvolvida tecnologia foi posta a serviço do estudo do fracasso. O meu centro de estudos do fracasso terá os sistemas mais avançados para acessar as informações mais longínquas e as mais recentes sobre o assunto. Teremos especialistas em fracassos nos planos físico, financeiro, afetivo, intelectual, político, social.

Teremos seminários interdisciplinares. Convidaremos artistas para expor suas obras sobre o tema e distribuiremos bolsas para pesquisadores. Seremos, não há a menor dúvida, muito bem sucedidos, embora não venham a faltar engraçadinhos que exigirão desse centro um exemplo cabal de fracasso. E estes engraçadinhos, ao exigir isto de nós, estarão, sem querer e apenas intuitivamente, descobrindo o grande segredo, o maior segredo, o inviolável segredo: buscando conscientemente, ardentemente, o fracasso não obtido, quando sinceramente, conscientemente, ardentemente desejado. Ele foge de nós. Parece temer-nos. O grande exemplo desta lei – que talvez seja uma lei cósmica – é o dos que tentam suicídio inúmeras vezes e sempre conseguem sobreviver.

Assim, o meu centro estará definitivamente livre do fracasso. E, talvez, isto venha a ser realmente uma das suas falhas fundamentais. Como é possível estudar o fracasso sem se estar sujeito ao próprio fracasso no estudo do fracasso? Não, isto não é um jogo de palavras. É o ponto abissal por onde penetra o meu centro e possivelmente a razão por que um dia, nenhum dos seus membros virá trabalhar, deixando-me sozinho na grande sala da presidência. Neste dia, sentirei o que é realmente o paradoxo.

Basta de sonhos. O centro de estudos do fracasso ainda não existe e talvez jamais venha a existir. Não tenho mais nenhuma vontade de fundar entidades, quando reconheço que mal consigo lidar com garbo e alegria com esta entidade que possui o

meu nome e que é a causa próxima e aparente de meus atos. Tento brincar com o meu fracasso, tento evitar os sentimentos desagradáveis quando me deparo com essas verdades. Mas, reconheço, não sou forte o suficiente para ficar face a face com o que sou, valho ou mereço. De verdade, acho que sou uma realidade bem desagradável e que a minha vida cheira como uma espécie de mistura de mofo e de naftalina.

Sinto não poder evitar um juízo forte sobre o resultado de meus movimentos desencontrados. É a isto que chamo “minha vida”. Ao contrário do desejável, andei sem direção e acabei como estou hoje: um adolescente para sempre envelhecido, sem coragem de tomar as decisões que permitirão um certo rejuvenescimento, tais como exercícios respiratórios, dietas especiais e a companhia de adolescentes.

Falhei em todos os planos e, no entanto, não tenho coragem de pôr fim a minha existência. Não tenho coragem de me matar e, neste aspecto, também sou um fracasso, porque eu me imaginava muito mais corajoso e muito mais decidido do que realmente sou. Assim, cada dia tenho a consciência do fim que me espera, sem que eu tenha coragem de escolhê-lo. É claro que tudo isto faz me sentir mais próximo da humanidade comum, de quem erroneamente me pensei separado por tantos anos. Sou igualzinho a qualquer um, com os mesmos medos e certamente terei, também, o mesmo fim.

Oh, meu Deus, o meu olhar de visionário em vez de ver o futuro, em vez de profetizar lindamente como eu esperava sempre fazer – ser uma espécie de profeta moderno, como tantos tentaram e conseguiram – apenas profetizo possíveis mortes, minhas morte. Nada de catástrofes universais, nada de paraísos artificiais, nada de mundos em que as oscilações se realizarão em todos os domínios. Ou me vejo em um acidente coletivo, um monte de carros colidindo numa via expressa e o meu corpo esmagado, talvez sem cabeça. E depois, estendido com tantos outros, na beira da estrada, coberto de um plástico negro e recebendo apenas uma atenção proporcional ao número dos cadáveres. Não apenas uma morte anônima. Também, ter morrido sem ter conseguido deixar qualquer marca, qualquer sinal neste planeta. Eu não devia dizer isto, não fica bem para mim. Mas, afinal, é isso mesmo. Agora, não tenho mais nada a temer, nem pela minha reputação, nem por consequências nefastas do que eu pense ou faça ou diga. Pois bem, eu sou um peido, nada mais do que um pequeno e

inofensivo peido, daqueles que não chegam a ter nenhum cheiro mais agressivo, daqueles que não são capazes de qualquer rumor que lhes faça notar, que os torne memoráveis na história de um corpo.

Acho que finalmente disse o que pretendia dizer. A minha vida não é nada mais nada menos do que um pequeno peido. É claro que imediatamente reajo a isto e este amigo meu, que mora nas dobras da minha existência, pretende salvar-me, fazendo com que eu comece a pensar que todas as vidas humanas parecem com peidos, mesmo dos grandes salvadores e mártires da humanidade. Mas isto é falso, eu grito para mim mesmo. Não é possível. A vida humana não é resistir às sugestões deste não sei quem, que vai logo produzindo uma cosmogonia à base de peidos e, como não poderia deixar de ser, inclui também a merda na formação da matéria do universo.

Tudo isto, como bem se pode ver, é uma grande besteira, algo sem o menor sentido. E é com isto que me tenho de haver todos os dias e até de forma mais ou menos inesperada, quando não sei distinguir se um pensamento que apareceu na minha cabeça é realmente um pensamento meu ou o produto da mente desta pessoa que vive em mim, para mim e em geral contra mim.

Sei que não devo perder tempo, que deveria fazer o maior esforço possível para, em primeiro lugar, conseguir saber de quem se trata e, em segundo lugar, tomar as medidas necessárias para me livrar dessa criatura. Sei que poderão pensar que se trata de mais uma história de múltiplas personalidades. Não é. Há aqui uma personalidade apenas e esta é a minha personalidade. Nada de realmente interessante, de realmente atraente e que valha a pena ser objeto de consideração, a não ser no que se refere ao meu profundo fracasso, ou melhor, a forma como o meu fracasso tem se apresentado. Porque, felizmente ou infelizmente, ele ainda não terminou e pode realmente dar outros frutos bem inesperados.

Falava eu sobre as múltiplas personalidades, quando, novamente, fui tomado por esta ideia de fracasso. Vou permanecer com ela, por mais algum tempo, porque é algo que me vem perseguindo de tal maneira, que tem de ficar meu amigo, tem que se tornar familiar, de modo que eu possa aguentar o restante da vida que me espera. Olha, não é mais possível mentir, isto é, não é mais possível mentir a respeito de certas coisas. Quando escrevia acerca do fracasso, lembrei-me como no final da adolescência

eu ia ver filmes na Cinelândia e depois comia uma esfirra, em uma confeitaria na Senador Dantas. Tudo continua por lá, vinte e tantos anos depois. Nada mudou, nada ou quase nada, a não ser que, ao lado da confeitaria, instalou-se uma pastelaria chinesa, que é muito movimentada, onde a ideia de higiene não é considerada, e que, além das esfirras e de outros salgados árabes e de pizzas, também, serve caldo de cana. De qualquer forma, a satisfação que eu alcançava com um filme e uma esfiha já era o sinal de que os grandes planos que eu preparava para a minha vida não iriam ocorrer. Estou certo – ou melhor, quase certo - de que os grande gestos refletem grandes satisfações. E se eu sonhava e ficava satisfeito com as coisas simples que a vida me oferecia. Sim, hoje não tenho mais a menor dúvida. Uma das maiores causas do meu fracasso foi este gosto por coisas simples, esta aceitação da felicidade nas pequenas coisas: numa flor, num prato da cozinha popular brasileira, numa namorada com um lenço na cabeça, na leitura de um romance inglês bem traduzido. Grandes erros que eu não sabia estar cometendo e que hoje estou pagando, como terei de pagar pelo que me resta de vida.

Volto a questão da outra personalidade, embora saiba que não dará muito resultado qualquer investigação a respeito. Se eu tivesse múltiplas personalidades, até que consideraria uma coisa positiva, contanto, evidentemente, que isto não me colocasse em enrascada terríveis. Entretanto, neste estado mais ou menos depressivo em que me encontro, vou logo imaginando outras personalidades que sejam masoquistas, ou amantes da sujeira ou dadas a pequenos furtos em supermercados, o que me faria sempre recuperar a minha personalidade principal em um distrito policial.

Aproveitando que estou no começo de meu relato, eu me senti tentado a inventar a historia de que tenho realmente múltiplas personalidades. Felizmente resisti, porque percebi de imediato que seria uma forma de fugir do que pretendo realmente contar. Porque bem ou mal, trata-se de uma confissão que eu pretendo produzir. Uma confissão que talvez seja útil a outras pessoas. Para que não enveredem pelo mesmo caminho errado que eu tomei, para que tratem de evitar o que hoje sei comprovadamente que não dá certo.

SEGUNDO

As considerações sobre a arte de escrever vão constituir este segundo esforço na direção de algum entendimento. Não quero mais escrever um diário íntimo, secreto, oculto, subterrâneo, para sempre ficar assim. E a respeito das coisas de que tenho vergonha? Não posso ter vergonha. Arrumarei álibis, ou jeitos de não ser pego com a boca na botija. De que afinal posso ter vergonha? É bom enumerar isto, de modo a que não permaneçam dúvidas. Em primeiro lugar, posso ficar envergonhado de minhas origens. Meus pais: pobres imigrantes da Turquia, judeus sefarditas que aqui arribaram com uma mão na frente e outra atrás. Mas por que esta vergonha? Cristo era judeu e isto resolve tudo de modo tão definitivo que não há mais nada a temer. Em caso de emergência, apele para Cristo (e poderá, também, apelar para Marx, Einstein, Freud etc. Eles estão aí à mão, sem mais nem menos. Só quem é bobo é que esquece isto). Pois é, a segunda coisa é que me envergonho de ser bobo. Mas sou bobo em que grau? Porque não há nenhum ser humano que seja inteiramente esperto, em todos os momentos, em todas as circunstâncias. De modo que ser bobo é uma questão de grau, podendo, em geral, ser melhorado. Não há, portanto, nada de se envergonhar a este respeito. A outra razão para se sentir envergonhado é me ter juntado umas quatro vezes, mas não ter jamais constituído família, não ter filhos etc etc. Isto é, sem dúvida um motivo para um alto grau de vergonha. Deve estar assinalado um grau de incompetência. Não, não posso ironizar esta vergonha. Ela é realmente séria. E o que dizer de não ter sido capaz de fazer o mínimo que os seres humanos vêm fazendo ao longo da história humana. Mas, afinal, eu não morri. Posso, amanhã, encontrar uma pessoa querida e decidir mergulhar nesta aventura mais que convencional e mostrar ao mundo que sou capaz de ser pai e marido e, acima de tudo, mostrar ao mundo que o lar é o centro do universo, o ponto de vista segundo o qual todas as realidades humanas e não humanas devem ser focalizadas.

A lista de minhas incompetências é por demais longa. Agorinha mesmo, outra me ocorria. Exatamente a seguinte: o me sentir insignificante; um ponto, e, como todos os pontos, sem dimensão. Este é um sentimento bastante complexo e interessante. Sinto-me insignificante por me sentir insignificante. Nem sei explicar isto direito. Às vezes, estou diante de um berço, frente a um bebê que sei que foi recebido com todo o amor.

Diante deste rebento da espécie, sinto que não sou absolutamente nada, embora possa apresentar um currículo muito longo de atividades profissionais, cursos, palestras e até coisas publicadas. Mas me sinto uma completa nulidade. Como explicar isto? Já me submeti aos mais variados tratamentos e de nada adiantou. A insignificância não tem cura e isto é muito fácil de explicar, especialmente para aqueles, hoje tão pouco numerosos, que acreditam em Deus. A explicação é simples. Ao me sentir uma insignificância, na verdade, continuo um zero (à esquerda, obviamente: é bom esclarecer isto, porque as pessoas tendem a achar que zero é sempre zero, o que não é o caso). E somente Deus tem o poder de transformar o nada em algo. E mesmo assim o Deus judaico-cristão, porque outros não têm tanta capacidade.

Mas eu pretendia escrever sobre a arte de escrever e acabei falando de minha vergonha, ou melhor, do grande conjunto de vergonhas de que faço parte. E, agora, estou em plena teologia. É tarde demais, muito tarde mesmo, para entrar em discussões teológicas. A humanidade perdeu inteiramente o interesse nisto, desde que absorveu, em seu cotidiano, tecnologias que possuem características teológicas.

De vota à insignificância. É um grande assunto. Uma insignificância é, por exemplo, alguma coisa na rua a que nem os mendigos dão importância. Por exemplo, um pouco de cocô de cachorro não é um insignificância. As pessoas temem pisar em cima, prestam atenção. É sem dúvida algo bastante importante. Muito mais importante do que muita gente pensa. Quantas pessoas neste planeta não regulam a sua vida pelas necessidades de fazer cocô e xixi dos cachorros que possuem? Milhões, senão dezenas de milhões. Mesmo uma lata de sardinha enferrujada tem sua importância. As pessoas evitam pisar em cima com medo de pegar tétano ou qualquer coisa assim. O que mais se assemelha a minha insignificância é, por exemplo, um pedaço de jornal velho e sujo, que não serve para absolutamente nada, que não tem capacidade de fazer o bem ou o mal, que não serve nem mesmo para se limpar depois de uma evacuação. É desta nulidade que eu estou falando, e se alguém descobrir a cura para isto faça o favor de avisar-me que estou disposto a vender todas as minhas propriedades – que não são muitas – para fazer face às despesas do tratamento.

Tenho de mencionar outras vergonhas. Sei que irá parecer meio esquisito colocar estas vergonhas juntas uma da outra, mas não tem jeito, vai assim mesmo. A primeira é

de ter sido machista, isto é, ter uma ideia muito tradicional das mulheres. Gostar de tê-las, de possuí-las como objeto, como aquela coisa bonita que a gente bota em cima da mesa, para exibir para amigos ou conhecidos. Como aquele prato gostoso que a gente põe na geladeira e vai lá, de vez em quando, para dar uma bicadinha. Oh, meu Deus, ter uma mulherzinha assim, bonitinha, gostosinha, que a gente, quando quer, carrega para o quarto e faz ela fazer tudo o que a gente gosta. Será que isto acabou para sempre, como o antigo regime, Roma, as Cruzadas, as carruagens, a poliomielite, o uso das sanguessugas na medicina etc etc? Se acabou, acabou, tá acabado. O que a gente pode fazer? Nada. É aceitar e ir se acostumando. Pessoas como eu, que aproveitaram esse tempo, têm, pelo menos coisas boas para recordar. A nova geração, infelizmente, não deu essa sorte e talvez possa se consolar vendo filmes antigos ou lendo alguns romances e tentando reconstituir isto em sessões de psicodrama ou com alguma tia velha, que, sei lá, pode estar disponível para joguinhos deste tipo.

Este passado é muito duro. É a grande dificuldade para estabelecer novas e dinâmicas relações com o sexo oposto. Sempre penso que vou encontrar aquela mulherzinha de sempre e, em geral, estou redondamente enganado. De verdade, nem encontro a mulher do passado nem a mulher do futuro. Encontro um ser com um pé lá e outro cá, nem sabendo direito onde está e onde não está, para onde vai ou não vai, com quem procuro me entender, sem grande sucesso. Acho que terei oportunidades de sobra para falar sobre isto, de modo que não vou me estender.

A outra grande vergonha é o meu homossexualismo latente. Isto mesmo: latente, nunca tendo passado do estado de latência, assim ficará para sempre. Havia um tempo – meu Deus, como vivo no passado: confesso que nunca pensei que acabaria este jeito, mas acabei desta maneira e pronto, um infeliz de um saudosista que não sabe direito viver o presente e que fica pensando no passado como se fosse grande coisa, e que, quando o passado era presente não lhe dava tanta atenção porque estava sempre infeliz, pensando que poderia viver muito melhor em algum outro lugar etc. etc. Oh, que saudade que eu tenho dos tempos heróicos do homossexualismo latente, deste segredo guardado a sete chaves, sussurrado cautelosamente porque se temia perder as amizades, o emprego, o amor dos pais e dos irmãos. Oh, que saudade que eu tenho do tempo em que se tinha vergonha de ser homossexual. Em que o máximo que era

permitido era uma leve suspeita. Nestes tempos antigos, o homossexualismo latente era uma espécie de estrada que permitia o ingresso em lugares proibidos, ou mesmo o sinal de que eu pertencia a alguma confraria secreta, em relação à qual não se sabia exatamente onde começava a arte e onde começava ou terminava a pederastia ou o lesbianismo. Um mundo de disfarces maravilhosos, um esconde-esconde que muitos adultos continuavam a jogar, mostrando nisto mais virtuosismo do que todas as crianças. Um dia, não sei onde nem exatamente quando, todo este mundo veio abaixo. Esta história de homossexualismo secreto foi inteiramente desbancada e de roldão o homossexualismo latente, também, perdeu o seu lugar. No seu lugar, instalou-se o orgulho homossexual, e todo o resto, com se sabe muito bem. Perdi o meu lugar, perdi a minha entrada em tantas situações e fiquei realmente mais sozinho, sem saber o que fazer com minhas tendências nunca reveladas. No entanto, o homossexualismo continua latente, nunca completamente assumido e exibido e agora, mesmo que o venha a assumir – o que nunca acontecerá – vai ser tarde demais. Não quero fazê-lo em um momento em que perdeu completamente a significação e, além disso, existe esta doença inominável, que apareceu para destruir e talvez santificar os corpos dos homossexuais masculinos.

Esta eu chamo uma vergonha entalada, com a qual não sei exatamente o que fazer ou como fazer. O que no começo era apenas a vergonha de um homossexualismo, depois se transformou na vergonha de uma pessoa incapaz de assumir-se. Isto: incapaz de dizer ao mundo quem ela é. Mas, afinal, o que fazer? Agora é tarde para esta coisa de assumir homossexualismo. E para falar a verdade, o que eu devo assumir é exatamente o homossexualismo latente. Mas como é isto – se sou bem entendido – de assumir um homossexualismo latente, ou qualquer coisa que é apenas latente. É profundamente contraditório ser obrigado a assumir a incapacidade de assumir. Para quem entender isto direito e não pensar que estou simplesmente filosofando uma filosofia bem barata ou fazendo jogo de palavras, vai sentir bastante pena de mim e vai me dar razão em relação a tudo o que venho fazendo até agora.

Assumir que se é incapaz de assumir certas coisas fundamentais assemelha-se à grande questão da quadratura do círculo, que não sei direito se foi ou não foi realmente resolvida. É como aquela pessoa que nunca aprendeu a ler direito ou que nunca

aprendeu direito uma língua às vezes acerta e outras não e nunca se sabe se desta vez irá acertar ou não. Isto é mais comum do que se pensa e acho que falta alguém que assuma que o ser humano é alguém que dificilmente se assume. Isto é: estou generalizando o meu problema. Talvez eu faça parte da minoria que nunca se assume. Devemos respeitar as minorias – estou certo disto e esta é, sem dúvida, a realidade do presente, a exigência do presente. Devemos, porém, respeitar uma minoria que não se assume? Entretanto, sei lá se se trata de uma minoria ou não. Não conheço dados estatísticos a respeito. Nem seguramente haverá alguma instituição disposta a gastar tempo e dinheiro numa pesquisa desta natureza.

É isto aí: minha maior vergonha: é de não ter jamais assumido. Bom ou mau: e se eu encontrar uma excelente razão para jamais assumir certas coisas. E se em vez de assumir, eu realmente me disfarço para escapar de castigos, perseguições, dores, ameaças, expulsões, diásporas? Neste caso, estou sendo arguto, estratégico, sábio e, de alguma forma, estou preservando a vida da espécie. Meu Deus, como sou capaz de encontrar bons argumentos para justificar meus vergonhosos atos.

Logo quando se lançam sobre o papel algumas palavras, com a intenção ficcional ou com alguma intenção pública, não há a menor sombra de dúvida de que se fica completamente amarrado ao que se escreveu. Não que seja necessário seguir exatamente o que foi dito de início. Mas, terá de ser levado em conta, quer se queira ou não, porque alguma justificativa acabará por ser exigida, qual não seja pelos críticos, pelos estudiosos, pelos professores de literatura ou mesmo por alguém que por acaso considere de bom alvitre dedicar algumas de suas horas a este texto.

Não posso realmente ser hipócrita. Sonho em ser lido por milhões de pessoas e, ao mesmo tempo, tenho a consciência, a mais plena consciência, de que estas milhões de pessoas não têm a menor condição de atingir a milésima parte do que pretendo expressar e que, portanto, faz pouca ou nenhuma diferença caso venham a ler ou não, com exceção de dois importantes planos: fama e dinheiro. Ser lido por milhões me fará famoso, apontado nas ruas, reconhecido nos bancos, nos banheiros, presente nas tevês e ouvido no rádio. Quando algum evento importante ocorrer, certamente serei requisitado. Gostarão de saber a minha opinião, não tanto por seu valor próprio, mas porque estão certos de que isto atrairá leitores. E, também, porque os coletores de

opiniões são, como todos nós, preguiçosos, e se já dispõem de uma lista de personalidades a ser ouvidas, por que mudá-la? E uma força de inércia que me manterá no pedestal da fama por muito mais tempo do que objetivamente eu mereceria.

O dinheiro virá aos borbotões. Montes de grana, de forma que terei de contratar pessoas para administrá-lo. Criarei novos empregos. Pagarei um agente, secretárias, decoradores e uma pequena multidão de empregados, cozinheiros, arrumadeiras, mordomos, motoristas, esteticistas, jardineiros etc etc. Isto será necessário para gastar o equivalente ao milhão ou mais, aos borbotões. Digamos que, em um ano, sejam vendidos um milhão de livros. Para não me complicar (com a inflação), digamos que isto equivalha a cerca de 5 milhões de dólares. Por aqui é muito dinheiro. Não resolve o problema da minha vida, mas dá um grande passo no sentido da tão almejada independência financeira. E como sempre ocorre, este pequeno monte de dinheiro começará a atrair mais e mais. Começarei a frequentar círculos de pessoas com dinheiro, que me manterão informado acerca de oportunidades de como tornar o meu montículo de dinheiro em um pequeno morro e, logo em seguida, em uma montanha. Como uma pessoa de posses, dificilmente irei continuar com muitos de meus simples hábitos. E, também, a fama irá me alterar a vida. Dificilmente serei o mesmo e acho que minha própria literatura passará a funcionar segundo outras confusões. Nem sei se vale a pena ou não.

Disposto como estou a contar os meus verdadeiros sentimentos, caso eles tenham realmente um efeito literário, devo dizer que esta descrição dos efeitos da fama e do dinheiro tiram um pouco de seu atrativo para mim. Pois o que eu desejo é realmente o sucesso. Mas quando o sucesso é trocado em miúdos – ou em graúdos – perde um bocado do seu poder de atrair a minha imaginação.

Uma das coisas que gostaria de ter, caso alcançasse o falado sucesso: belas mulheres, em abundância. Aquelas que aparecem nas revistas de mulheres nuas, especialmente as lindas, as mais sensuais. Também gostaria de ter algumas das mulheres que aparecem nas colunas sociais. Não, isto não é nada demais. É um sonho realmente comum. E eu não tenho condição de destruí-lo antes de se tornar realidade, porque se trata de uma experiência que eu nunca tive. Nem posso imaginar como seja.

Conhecendo como conheço os mecanismos da existência, tenho a mais absoluta certeza de que este parágrafo será lido por uma bela mulher da alta sociedade e que, por variadas razões, tomará imediatamente o telefone em suas inesquecíveis mãos e ligará para mim, oferecendo-se. Responderei meio desconfiado de que se trata de um trote ou de alguma das horríveis mulheres com quem estive após alguma festa deprimente e que ficara com meu telefone, resolvera me telefonar aós um ou dois anos. Não, aquela voz não me engana. Trata-se realmente de uma mulher fina, bem educada, que frequentou sempre os melhores lugares, vestiu sempre as melhores roupas, andou sempre nos melhores automóveis, dormiu com os homens que sempre souberam o que queriam e que desde o berço aprenderam a comandar e a extrair obediência de nós comuns mortais. Um deles terá, certamente, se casado com ela, em uma cerimônia absolutamente bela, cantada nas colunas sociais e, deste casamento, nasceram crianças absolutamente belas. Tantas belezas, tantos acertos. O apuro da raça, a pele perfeita, o perfeito comando da língua, os negócios que sempre dão terrivelmente certo, o marido que sabe tão bem satisfazê-la, as crianças que parecem príncipes ou semideuses. E um dia o marido morre, de uma forma que ninguém esperaria ser possível em sua biografia: de câncer aos 32 anos. Um dos homens mais bonitos da sociedade, dirigente de um conglomerado financeiro, excelente jogador de polo, marido fiel e amigo consagrado, muito conhecimento, colecionador de quadros, amigo de vários ministros, colega de infância do sobrinho-neto do presidente da república, bisneto de um ministro do império, tendo, talvez, o pau mais gostoso da sociedade carioca, importante contribuinte de orquestra sinfônica, herdeiro de algumas fazendas de cacau na Bahia, recebido como um rei nos melhores restaurantes de New York etc etc etc.

Pois este homem, tendo deixado o nosso mundo, preparou a sua viúva para aceitar alguém como eu. E ela, tendo lido estas linhas, telefonou imediatamente. E, na mesma noite, estava eu em sua casa, não sabendo o que fazer, como me portar, percebendo que a roupa que eu usava era de uma qualidade inaceitável, isto é, nem mesmo os empregados de tal mulher usavam roupas feitas com tecidos tão ruins. E, enquanto eu tomava chá com ela, martirizava-me ao lembrar dos momentos em que comprara a roupa, quando poderia ter comprado algo melhor. Sim, custaria um pouco mais caro,

mas, e daí? Não teria consequências tão ruins, não me levaria à falência, não me faria mais pobre. Entretanto, ela não se importa com a maneira como estou vestido e sempre falaria olhando no fundo dos meus olhos, como se estivesse certa de ter encontrado em mim o homem que a reinstalaria no mundo que perdera com a morte do marido.

O resto parece tanto com um sonho, que não quero sequer pensar a respeito. Ela me leva ao quarto e sinto que ali me torno tão belo e perfeito como o seu finado marido. Ela me faz vestir as roupas dele e quando vou ao espelho, para ver como fiquei, percebo que, finalmente, estou curado de tudo o que me levou a este completo fracasso. Sim, ele tinha morrido para me transmitir a fórmula, ou o sentido da realização na vida. E um quase nada, tão imponderável, que é imperceptível. E, no entanto, possuí-lo não resulta nas maiores diferenças.

Depois de tê-la em meus braços, depois de tê-la penetrado, depois de tudo isto, vamos tomar café na varanda, quando os seus filhos nos são trazidos pela babá. São duas crianças, uma de três e outra de quatro, ambos do sexo masculino. Realmente o produto da perfeição que foi o pai e da perfeição que é a mãe. Entretanto, eles me olham como se eu fosse um deles e mesmo sinto que daqui a pouco me tomarão com seu pai. A babá me chama de doutor e eu percebo que estava acontecendo a cerimônia de transmissão do trono e que acabava de ocupar um trono vago.

Mais que dinheiro ou fama, que busco e ao mesmo tempo odeio, o que pretendo é realmente encontrar esta mulher e recuperar o reino que um dia perdi. Todos os dias leio as colunas sociais do Rio e de São Paulo contando encontrar o jovem executivo que morreu de câncer e que deixou uma bela mulher, grandes propriedades e dois lindos filhos. Sei, porém, que não basta isto. Será necessário que estas páginas caiam nas mãos dela no exato momento após tudo ter acontecido, de preferência quando ela estiver de volta do cemitério.

Quem realmente entender de culpa, e entre nós há um número ínfimo de especialistas neste assunto, verá que um dos meus problemas mais sérios é que desejo usurpar o lugar dos mortos. Confesso que não sei a origem desta aspiração, mas não tenho dúvidas de que se encontra enraizada no mais profundo elemento de meu ser. Se for analisada com cuidado a previsão que acima fiz a respeito do meu encontro com a dama da alta sociedade, verá que quando estou em seu quarto, pouco

antes da relação carnal ter consequência, eu sou investido da força e da presença do marido morto. Este deve ser – não estou certo – um ato de canibalismo espiritual, significando que eu não posso atingir sem que me aposses do espírito e das coisas de outra pessoa. Significa, também, que eu sou um comedor de carniça – uma espécie de hiena espiritual – que ocupa em carne e osso o lugar de espíritos que se foram.

Confesso que, no passado, tentei mudar isto. Acho que já falei nos inúmeros tratamentos a que me submeti, nas sendas espirituais que percorri, nos livros a respeito de cura psíquica que li e que acumulei por mais de vinte e cinco anos. Levei muito tempo, mas acabei descobrindo que tenho de seguir o meu destino e ocupar o lugar de um morto.

A minha vida poderia ser mais difícil, mas teria maior consequência se eu pudesse ocupar a vida de um morto que tivesse sido assassinado por mim. Entretanto, por razões incógnitas, o destino fez as coisas difíceis. Eu posso matar, se quiser, mas isto de nada adiantará. Porque o morto cujo lugar eu ocuparei será o marido daquela que me chamara após ter lido o livro, conforme já mostrei suficientemente. Meu destino pende, então, de uma série de acasos. Tudo isto poderá ocorrer ou não. Não há nada garantido.

Se estas coisas terríveis me são familiares, e constituem realmente o estofo da minha vida. Sendo dessa forma, quase nada tenho em comum com a maioria. Se tudo isto me envilece e me torna uma pessoa indesejável, de outro lado me permite uma compreensão tão completa do destino humano, que talvez seja única em toda a história de nossa espécie. Ninguém pode ter entendido isto antes de mim, porque ninguém viveu tão intensas torturas e condenações. Ou melhor: outras pessoas sofreram tanto ou mais do que eu. Não tenho a menor dúvida. Entretanto, dentre aqueles que possuem as distorções de espírito que são as minhas – este humor líquido e gélido, com o qual nasci –, ninguém foi exposto a tais situações e ninguém viveu tão intimamente ligado ao mundo do acaso quanto eu.

QUATRO

Acabo de voltar de Caxias, onde fui a um terreiro. Não sou macumbeiro, mas cheguei a um ponto em que estou disposto a acreditar em quase qualquer coisa, contanto que possa me garantir alguma melhora em minha vida. Mas isto não será jamais em um terreiro de macumba. Tentei, tentei, e esta não foi a primeira vez. Mas sinto que não pertença a esta religião. Muito barulhenta para mim. Muita gente, muita comida gordurosa e uma cantoria que me parece ridícula. Sei que não deveria falar em tudo isto, porque os espíritos da macumba, estes, não tenho a menor dúvida, de que existem e podem fazer o mal e mesmo destruir a vida de quem deles faz pouco caso. Ou será que isto é também algo em que mal acredito? Aí está, sem dúvida, uma parte pouco suportável da minha personalidade. Não sei muitas vezes quando estou falando sério ou não. E não sei quando estou apenas pregando peças em mim mesmo. Sem dúvida não sou das melhores companhias. Sou mais ou menos insuportável, mas acho que não sou realmente o responsável por isto. Nem sei quem é o responsável. A tendência antiga era atribuir as culpas aos pais, a maneira como nos criaram, as programações que instilaram na gente (sei que instilar é para líquidos, mas uma programação de pais será sempre uma espécie de leite, que a mãe dá ao bebê). Agora, finalmente, conseguimos nos livrar destas histórias e atribuímos os nossos problemas a vidas passadas ou então a algum defeito genético. Sei qual é a fonte de tudo isso: não admitimos ser imperfeitos. Carregamos desde sempre a ideia de que devemos ser completos, realizar tudo de bom, realizar plenamente as nossas potencialidades, desabrochar, germinar etc etc e outras formas de dizer que temos uma história a ser escrita. A vida é isto e só isto. Apenas isto e, se você pensa que não é bem assim, pode tratar de ir mudando de ideia, porque, de fato, você foi logrado por alguma historinha meio errada sobre a natureza da vida que levamos neste planeta.

Levei tantos anos para descobrir isto que chego a pensar que sou realmente muito mais idiota do que pensava. Levei três casamentos, alguns livros publicados, um cargo público, contatos com a imprensa, muitas amantes e tudo o mais: mais de vinte anos de carreira, de maior idade para, afinal, chegar à conclusão de que a minha ideia de vida era totalmente errada. E agora, com este saber, não posso fazer realmente nada, porque a vida que vem pela frente irá apresentar outros problemas, outros enigmas, para o que o conhecimento que recém obtive será de pouca valia.

A minha tendência à mentira é, não apenas horrorosa, como é capaz de me vencer, se eu não tomar o maior cuidado. Disse logo atrás que tive três casamentos. Não os tive. Nunca casei efetivamente. Apenas uma vez: uma mulher propôs-me que morássemos juntos, porque já era tempo. E ficamos juntos por dez dias. Este foi o mais longo casamento de minha vida. Amantes, portanto, no sentido usual, nunca as tive. Na verdade, a minha vida sexual tem sido de uma inominável pobreza, nos últimos dez anos. Se dormi com mais de duas mulheres por ano, fiz muito. Acho que nos últimos dez anos, só estive na cama com umas cinco mulheres e por muito tempo. Nunca publiquei livro algum e sei, felizmente, que isto não faz a menor diferença. Quanto a cargos públicos, nunca me foram oferecidos. Eu os aceitaria, mas, certamente, faltam-me as características de uma pessoa que ocupa posições oficiais. Não que me falte a hipocrisia. O que me falta é o sentido de *timing* que me diga quando mentir e quando dizer a verdade. É, principalmente, a sensação, mais ou menos contínua, de ser importante. Eu me sinto realmente desimportante, uma pessoa de segunda classe, sem eira nem beira. Ninguém daria um cargo público a uma pessoa como eu. Ou melhor, se desse – e acho possível que se cometam erros de tal natureza – isto não duraria muito.

Corrigido este deslize, posso continuar.

Fiz realmente uma confusão em minha vida, em que passar a limpo é o que preciso fazer, mas é ao mesmo tempo tão difícil. Não tenho paciência de me lembrar de tudo e pôr tudo lado a lado para pesar e medir, a fim de chegar a uma conclusão sobre se valeu ou não a pena esta vida. Também, porque sei que a conclusão não será lá muito positiva, que o esforço será realmente inútil.

Mas que confusão? Não tenho mulher, não tenho filhos e o meu trabalho não é tão difícil ou complicado. É claro que a confusão é unicamente em minha própria cabeça. Uma confusão de valores. Não sei se sou claro. Uma confusão de valores e sem dúvida a base de todas as outras confusões. Uma vez corrigido isto, o resto fica liquidado.

Vou dar um exemplo de confusão de valores. Quando uma mulher entra em minha vida, os primeiros momentos soam de grande satisfação. Depois de muitas noites em que eu literalmente mordida a minha mão de solidão, finalmente terei companhia. Mas quando os encontros começam, junto com a obrigação de vê-la periodicamente, sinto-me num crescente desconforto, e neste momento não sei o que fazer. Detesto a solidão

e não quero retornar a ela. Mas, também, detesto esta nova companhia, porque desarruma a minha vida, impede-me de ser livre. E, principalmente, vivo sempre a certeza de que a mulher que consegui não corresponde nem de longe àquela que gostaria de ter ao meu lado. Esta é uma confusão de valores das mais frequentes em minha vida. Poderia descrever as confusões em relação ao trabalho, em relação aos meus pais e irmãos, em relação a mim mesmo. Sei, no entanto, que não há nada demais em confusões e que devemos conviver com a ideia e mesmo aceitar a ideia de que não é possível uma vida tão clara e ordenada. Sim, deve ter gente cuja vida é exatamente assim. Já vi esta gente. Em boa parte, são aquelas pessoas que fazem os belos anúncios dos jornais de domingo. Tenho a certeza de que, para eles, – isto está estampado na face – tenho a certeza de que para eles a vida é, realmente, pão pão queijo queijo. Ou, se não são eles, são, certamente, aqueles que vivem nos píncaros da sociedade, que têm a nós a seus pés, que conhecem os meios do poder e que conhecem os caminhos para viver os prazeres mais intensos e mais raros. Não, isso não é para mim. Não tenho esta possibilidade. Para mim, restam apenas a confusão de valores e a bagunça que facilmente se estabelece em minha casa.

Sim, foi um grande desabafo. Mas de que adiantam desabafos, se eles não resolvem os problemas. É verdade que quando eu era um jovem adulto, era uma crença generalizada de que com um bom desabafo, até com gritos e socos no chão, as coisas seriam resolvidas. Gritamos, berramos, socamos o chão e as paredes, e isto não trouxe qualquer resultado.

QUINTO

É isso aí, meu amigo, não há grande possibilidade de continuar vivendo sem cometer certos erros. O erro de pessoa, isto é, não perceber direito com quem você está lidando, quando resolve ir dizendo o que percebeu ou o que pensou. Não é possível, mas sei certamente que estou fadado a todo tipo de desentendimento. Não sei ao certo por quê. É o que dizem. Quem me disse isso sabe direito o que estava falando, porque, segundo me assegurou, teve um enorme desenvolvimento espiritual, que é alguma coisa cármica, alguma coisa que se iniciou há já longo tempo e que sempre estará em

funcionamento, levando-me a cometer erros sem perdão, mas jamais a um crime que me levará do convívio social, para uma penitenciária.

Cheguei, assim, à história da penitenciária. Certamente, nunca viverei em uma penitenciária, a não ser que seja por um acaso tão forte e tão firme, como por exemplo, ter que matar alguém, sem poder jamais apresentar uma justificativa. Ou, então, ser acusado de um crime, sem ter a menor possibilidade de provar o contrário. Mas isto é tão difícil de acontecer que posso contar como absolutamente improvável. De qualquer maneira, afio a minha mente para fazer face a esta eventualidade. De fato, acho que poderei fazer um pequeno esforço para ir para uma penitenciária, porque seria, então, a mais perfeita oportunidade de dedicar-me inteiramente ao autodesenvolvimento. Ficaria fazendo ioga e meditação o dia inteiro e, certamente, quando saísse da prisão por bom comportamento, seria um mestre nessas artes. E, também, poderei levar uma vida inteiramente diferente, um corte radical com esta vida tão insatisfatória. Tão insatisfatória que, confesso, não tive a coragem de mencioná-la nessas linhas todas que até aqui escrevi. É isso, preciso de um grande corte, de uma mudança tão profunda, que apenas um encarceramento, com tudo o que o acompanha – um júri mais ou menos movimentado, o afastamento da família, dos amigos, e, acima de tudo, o afastamento da corrente principal da vida, que fica correndo por si mesma, enquanto eu estou entre os muros – para fazer a grande alteração, a grande transformação. É verdade que eu não acredito mais em transformações, que a minha vida seguiria assim como é até o seu melancólico final. Mas ainda tenho o direito de sonhar, ou será que não tenho, que até isto eu mesmo tirei de mim mesmo?

Onde está quem pode me escutar, entendendo perfeitamente o que estou a dizer, o que tenho a dizer, o que posso dizer? Não, nem os livros mais avançados sobre a estrutura mental são capazes de trazer em suas páginas alguma indicação sobre o que está acontecendo comigo e sobre o que sempre aconteceu. É um mistério tão completo, como os mistérios evangélicos, apenas com uma diferença. Não traz nenhuma boa nova, não vem para curar ou para salvar. Vem unicamente para danar a minha vida, torná-la inteiramente infernal, cortar todas as comunicações. Alô, alô, quem está disposto a encontrar-me face a face e não entender o que significa a minha expressão? Não, não há tantos hermeneutas na face do planeta e dentre os que estão

disponíveis neste momento, apenas uma pequena fração admitirá que nada entende. A estes sinceros hermeneutas dedico a minha obscuridade.

Já que nada tenho a dispor, já que nada tenho diante de mim que possa garantir um retorno satisfatório, aqueles que estão mais ou menos contentes consigo mesmos e que não estão interessados na grande investigação que se está processando em meu interior, que fechem as páginas deste livro. Nada encontrarão de realmente interessante que lhes possa garantir uma vida melhor. Não melhorarão os seus salários, não comprarão melhores carros, não entenderão melhor a sua própria língua. Não tenho nenhuma fórmula que vá resolver com facilidade a vida dos meus companheiros de transtornos terrestres. Embora ninguém conte, tenho a certeza de que se eu apresentar uma fórmula realmente potente e estabelecer como condição que as pessoas se confessem infelizes, doentes e absolutamente perplexas, filas enormes se formarão diante de meu edifício, com pessoas dispostas a dar o dinheiro que seja exigido para ter em suas mãos esta fórmula perfeita.

Este é sem dúvida um veio fundamental. Os que foram capazes de acompanhar-me poderão ter algum acesso a uma forma de verdade assim meio incomum. Não se trata de uma verdade meio mística, revelação que foi anunciada e que apareceu com todos os preparativos, como se todos já soubessem que alguma coisa desta natureza seja capaz de vir para curá-los. Não, é um tipo de verdade tão inesperado que ninguém que passa diante dela é capaz sequer de notar que se trata de alguma coisa com alguma importância. Esta maneira quase escondida de revelar-se foi como me ensinaram quando tomei o curso em que esta verdade foi ensinada. Realmente, foi em um curso, com aulas, quadro negro, diploma e até festa de encerramento. Entretanto, tal curso, também, encobria o que estava realmente sendo ensinado.

Se eu contar vai parecer ridículo. Mas foi, na verdade, um curso de culinária dedicado ao trivial variado. E para os que estavam dispostos a entender, cada palavra do professor, cada movimento de suas mãos, e mesmo o que era usado na elaboração dos pratos, tudo isto tinha um sentido. Um sentido esotérico, um sentido profundamente oculto. E digo mais, talvez o próprio professor não tivesse consciência suficientemente clara sobre o que estava ensinando. Talvez eu fosse o único dentre todos – e aí incluo

o professor – que sabia o verdadeiro conteúdo das aulas. De novo, esta amarga solidão.

Amarga solidão, como somos conhecidos, como estamos em nossa companhia, como guardamos os mesmos segredos e ninguém costuma tentar falar-me quando estamos juntos, porque seria absolutamente impossível. Exatamente, e esta pequena parcela de solidão, que cada um possui e que não deseja examinar, porque é horrível, a que o professor de culinária se referia, quando nos ensinou a fazer manjar de coco. Me perguntariam: que negócio é esse de solidão tomando a forma de um manjar de coco? E eu lhes responderei. A forma do manjar, no fundo, esconde um sabor proibido, e o seu sabor contém uma mensagem que não é nada simples. Afinal, eu que sempre vivi sem entender o que estava acontecendo comigo, vou aceitar uma coisa bem simples? Não está em mim e nunca estará. Sei que contrário a tendência do momento, que é desejar as coisas claras e simples, ou, pelo menos, simples, muito simples. Por que coisas complicadas, se não vão resolver nada de modo algum? Perguntas e mais perguntas, e poucos estão dispostos sequer a aceitar que se fale na forma de perguntas. As perguntas já saíram de moda há bastante tempo, e eu, com esta minha falta de percepção, continuo a fazê-las? Perguntas? Estou muito mal acostumado. Na minha casa, não me espancavam quando eu fazia perguntas, mas na escola, logo no primeiro dia, quando fiz uma pergunta realmente idiota, fui fulminado com um cascudo da professora. Não vou entrar em doídas reminiscências, não interessa a ninguém. A verdade é que, pela vida afora, fui me tornando cada vez menos capaz de fazer abertamente as minhas perguntas. Quase sempre as fazia em voz tão baixa que se prestava a tantas interpretações diferentes que eu não era molestado caso a pergunta fosse daquelas que iriam criar embaraço. As pessoas entendiam a pergunta da maneira que achavam mais conveniente e pronto, estava tudo completamente resolvido. Nada mais havia a dizer ou a fazer e todos iam para casa, absolutamente satisfeitos.

Não pensem que os mal-entendidos são apenas um pequeno conjunto que nunca se renova. Estão sempre inventando novos, para o deleite de pessoas que nem eu e uns poucos, que se divertem quando o mal-entendido chega a um ponto em que só a morte pode resolver. Senão, é um mal-estar tão insuportável que ninguém quer ficar por perto.

Outro motivo para esta solidão. Acho que imaginam que estou brincando com palavras e que isto não tem qualquer sentido. Tem um sentido, uma coisa muito séria e que pode ser responsável pelo meu desaparecimento, assim, a qualquer momento, sem qualquer explicação.

Foi assim mesmo que eu busquei amigos, quero dizer, foi sem qualquer disfarce, dizendo exatamente qual era a minha intenção e minha experiência anterior. Foi assim mesmo que encontrei amigos tão numerosos em todos os recantos por onde andei. Isto é realmente inesperado em minha vida. Tanta solidão, tanto amargor e, no entanto, a minha vida é florida de amizades as mais sinceras e as mais verdadeiras. A que atribuir isto eu não sei. Posso dizer que nunca a vida é inteiramente esdrúxula com uma pessoa. Nunca –, ou melhor, muito raramente – ela fecha todos os caminhos. Pelo menos, comigo não fechou. Fechou inumeráveis. Não permitiu que eu tivesse uma família, não permitiu que eu tivesse uma carreira, não permitiu que eu tivesse acesso aos confortos maiores da existência, não permitiu que eu seguisse uma profissão honrada, mas não me aleijou, não me tirou a possibilidade de saborear o resto que para mim sobrou, com todos os meus sentidos mais ou menos intatos. Afinal, não há motivo para reclamar, apenas um: que eu reclamo com a barriga cheia, que eu amo reclamar da vida quando não há qualquer razão para isto, a não ser um: não ser o mais amado, o mais procurado, o mais querido, o mais ouvido, o centro de todas as atenções, o foco da vida, o tesão de todas as mulheres, o respeito de todos os homens, a adoração das crianças, a esperança dos adolescentes, o bálsamo dos doentes, o consolo dos velhos etc etc etc. Esta é uma das mais sérias faltas da minha vida, e eu tenho a certeza de que não será nesta existência que poderei curar esta situação. Nem é na próxima, se é que existe. É uma doença realmente incurável, para a qual não tenho qualquer esperança, não tenho nenhuma forma de cura em vista. Bem-aventurados os que não padecem desta doença, ou ao menos dela têm uma consciência menor que a minha. Os que não padecem desta doença podem viver uma vida tranquila, sem qualquer demanda maior do que aquela que é em geral comum. Os que não têm consciência da doença que os afeta ao menos viverão algum tempo mais, cometendo todos os erros que eu cometi, para finalmente chegar à triste conclusão de que não há saída. Aí, como no meu caso, será tarde, absolutamente tarde.

SEXTO

Sei que poderão ocorrer sérias reações quando ficar inteiramente claro que nestas paginas está presente um estado específico de loucura sobre o qual poucos efetivamente têm o que dizer, porque nunca a experimentaram. A voz que irá falar nestas linhas não tem tantas oportunidades de se manifestar, de modo que anda muito pouco acostumada à autoexpressão. De fato, tendo viajado razoavelmente e encontrado muitas pessoas com quem pude conversar, verifiquei que o número dos que sabem do que estou falando é ínfimo. Apesar de tantos livros escritos sobre a loucura, apesar de uma propaganda horrível feita a seu respeito, o que inicialmente me pôs realmente feliz, afinal eu seria aceito no reino humano, vi que era tudo hipocrisia e falsidade. Poucos realmente sabem o que é a loucura, e aqueles que sabem estão tão excluídos da vida comum que não são ouvidos, nem quando lhes é dada a oportunidade de falar, pois não sabem como expressar-se. É uma tragédia? Não sei bem. Não sei nem como classificá-lo, porque aquilo que fala em mim – este ponto ao mesmo tempo luminoso e vazio que está em mim e fora de mim – não tem realmente grande interesse em comunicar-se, porque sabe que tudo será baldado.

Devo confessar que gastei anos e anos de minha vida para curar esta condição. Trazer o ponto luminoso para dentro de mim e permitir que eu fosse capaz de viver uma existência comum, como a maioria parece ser capaz. Mas, como disse e repito, isto não foi possível, e agora declaro a minha desistência. Como resultado desses esforços que não deram qualquer resultado, fiquei inteiramente perdido em meu querer e não sei exatamente o que desejar. Perdi inteiramente o contato com o meu desejo, e por isto é possível perceber que hoje sou apenas uma voz. Não tenho realmente passado e nada a contar sobre o que está hoje acontecendo com minha vida.

Mais a respeito do desejo: ele de fato nunca existe, mas quando volta, e o faz instantaneamente, reaparece com uma força incontrolável e ocupa inteiramente a minha existência, faz-me um escravo e ao mesmo tempo impotente para realizá-lo. E uma vez realizado o desejo, o que é cada dia mais difícil, o mundo torna-se morto em torno de mim e não restam senão lixo e cinzas. Esta descrição é ainda muito adocicada

em relação ao que realmente ocorre. De fato, os meus sofrimentos são terríveis e cruéis. Como objeto fiel da minha crueldade, sou destruído e desmembrado, de modo que os desejos não possam se realizar, porque a sua realização significará a destruição do mundo, e eu não posso suportar a condenação que se sucede.

(Vou entrar, agora, na descrição das formas que toma a minha condenação. Certamente, esta parte dos escritos chamará a atenção vacilante de um importante autor das letras nacionais que, tocado por estas palavras, encaminhará o manuscrito para uma editora, que, sem fazer os devidos cálculos de custos e benefícios, dedicar-se-á a sua publicação.² Milhares de exemplares ficarão encalhados por mais de duas dezenas de anos, quando um dia serão achados por um bibliófilo, que mostrará ao mundo tudo o que simplesmente desejei expressar, mais como esforço para curar-me do que como um meio de atingir a todos e mostrar o que sinto, sei ou valho. Curiosamente, este esforço de autocura não leva muito longe. Já o tentei milhares de vezes antes, e os resultados foram quase sempre decepcionantes. Os meios que tenho usado para levar avante o projeto de me transformar em uma criatura comum não deram resultado, como não deram resultado os meios de transformar-me em uma criatura incomum. O magnífico resultado foi o transformar-me num ponto e numa voz, sem profundidade, sem dimensões e mesmo indistinguíveis de qualquer outro ponto e de qualquer outra voz).

Mais tarde, talvez, eu possa entender melhor se foi ou não possível conseguir os resultados esperados. Estou sempre à espera de resultados, contando que alguma coisa venha a ocorrer que modifique o meu destino e me permita conviver com o mundo tal qual se apresenta aos meus olhos. Mas existe uma parte do mundo que me é inteiramente inacessível e hoje declaro que desisto inteiramente de qualquer pretensão a ele. Esta declaração faz do que estou escrevendo uma espécie de documento legal como algum que já assinei em que declaro que abro mão de minhas pretensões a um objeto, a um título ou a uma pessoa. Nunca consegui realmente abrir mão do que hoje vou abrir mão e espero que não esteja escrevendo um documento falso, que não respeitarei jamais.

² Aqui estou, Luciano, publicando suas obras completas. Nota da editora.

Eu abro efetivamente mão, eu abro completamente mão das belas mulheres, que povoam as revistas e os comerciais. Eu abro completamente mão do desejo de sentar-me na cadeira que os poderosos ocupam, de ver o mundo nesta perspectiva. Eu abro completamente mão de possuir um pedaço significativo das coisas que existem no planeta. Eu abro completamente mão de possuir um lar, filhos e família. Eu abro completamente mão de possuir um nome famoso e de almejar a atenção e o respeito de todos. Eu abro inteiramente mão dos sonhos que acalentei por tantos anos.

Não, esta declaração, que eu pensava que iria fazer-me mais livre, tornou-me apenas mais escravo de minha pequenez. Agora, que abri mão de tudo, o que me resta? Resta, dizem as vozes, mais ou menos sábias, que convivem comigo quando estou em inteira turbulência, resta-me a arte. Que arte, meu Deus? Não há arte, não sou capaz de chegar até a arte. Para isto, precisaria chegar a um ponto de inteira paz no meu interior. E esta paz está ausente, ela foi roubada de mim, antes que me fosse dada a vida.

Nem sei direito a que gosto de paz eu posso pretender. Que gosto de equilíbrio me será algum dia possível. Até agora nada disso eu sequer saboreei. Nada disso esteve ao meu alcance sequer por um instante. Todos os equilíbrios foram inteiramente instáveis e se por acaso eu esquecia que tinha atingido o equilíbrio, parece que uma voz interior, bem atenta, mostrava o que estava acontecendo e eu perdia completamente a tênue condição que havia atingido. Por favor, quem souber como atingir a paz, que me escreva ou telefone ou, então, venha pessoalmente. Para ser bem verdadeiro, para ser inteiramente franco, devo dizer que nunca penso em paz, que muito facilmente esqueço que existe tal coisa e que fico muito espantado quando outros falam a respeito. Na mesma medida que existem pessoas que são daltônicas, e outras que não conseguem ouvir certos sons, eu não sou capaz de desejar, pensar e buscar a paz. Claro que sei de que se trata, pois já procurei o seu sentido em vários dicionários, mas nunca pude memorizar exatamente o que significa, especialmente em certos momentos da maior intranquilidade. Nestes momentos, quase inteiramente constantes, esqueço-me de que existe paz e, mesmo que veja a palavra escrita diante de mim, não sei do que se trata.

Sim, vai ser sobre a paz. E não falo sobre a paz entre as nações, porque nesta paz tão poucos acreditam e muito menos acreditam nos meios de obtê-la. E, também, não falo sobre a paz em relação ao próximo, ao vizinho, ao irmão, à mulher e aos filhos. Até que alguma coisa pode ser obtida em relação a estes, caso sejam aplicados os conhecidos métodos de relações humanas ou coisa parecida. Tente falar com eles, tente entender o seu ponto de vista, descubra como é importante ter bons amigos e amar o próximo. Tudo isso pode, hoje, ser realizado sem grandes esforços, sem maiores dificuldades. Não, a coisa mais difícil dá-se dentro de mim mesmo, sem dúvida um lugar de muito difícil acesso, sem dúvida, um ponto muito escondido, que nem mesmo os mestres do mais profundo misticismo foram capazes de entender.

A descrição que lhes faço é inteiramente a frio. Quero dizer com isto que não estou presenciando o que descrevo, enquanto escrevo estas linhas. E aqui, principalmente aqui, a diferença entre o vivido e o lembrado é abissal. Como se estivéssemos em dois mundos inteiramente diferentes, em que os próprios símbolos não tivessem uma tradução possível. É como se um mundo em que não houvesse qualquer conhecimento a respeito da energia atômica – nem houvesse nele qualquer realidade que se lhe correspondesse – fosse tentar descrever um outro em que acabasse de ter ocorrido uma guerra atômica.

Do que estou falando: de uma guerra atômica, que ocorre de quando em quando em meu interior, quando tudo, sem exceção, é destruído. Quando os sentimentos, as memórias, as identidades, as esperanças, as certezas, tudo é inteiramente destruído, não permanecendo qualquer sinal de que por ali ocorreria alguma coisa que podia ser chamada de vida, sonho, esperança, amor. Há no meu interior uma substância, provavelmente gerada pelo meu cérebro, que em doses ínfimas é capaz de anular todos os esforços feitos, como o mar, que é capaz de, em alguns movimentos violentos, destruir as obras que foram arduamente feitas no litoral. Sem dúvida, é maravilhoso descobrir em si tal poder. Entretanto, ele tem estado até agora inteiramente fora de meu controle, tomando formas disfarçadas e se escondendo por intermédio de máscaras e até por vezes usando objetos inanimados como se pudesse tomar que forma desejasse, uma vez que, cumprido o objetivo fundamental, o resto é inteiramente secundário, inteiramente acessório.

No momento em que descrevo esta experiência, sou tomado das maiores emoções. É que me lembro da série das vítimas deste poder que perambulam pelas ruas, que se encontram nas penitenciárias e, principalmente, que se encontram nos hospitais psiquiátricos. Foram as pessoas que não encontraram meios para enfrentar esse poder destrutivo. A estas somo as outras pessoas que não foram capazes de manter-se nesta vida e entregaram-se às vozes do poder destrutivo que lhes ordenava ou então lhes aconselhava o suicídio. A vocês, almas irmãs, lhes dirige a palavra este sobrevivente que conseguiu, mal sabe como – talvez apenas por um decreto de graça divina – salvar-se. Que diante das vozes que lhe ordenavam que se entregasse à morte, conseguiu dizer não, conseguiu agarrar-se a um pedaço ínfimo de vida e aí manter-se enquanto a maior parte de si e de seu corpo pretendia a morte, de qualquer forma.

Como falar em paz, como possuir paz, como entender o que seja paz? Não há ou talvez não haja uma experiência íntima acerca do que se trata, do que vem a ser. É como falar em tranquilidade numa terra de vulcões e de terremotos. Nem mesmo esta imagem é suficiente. E mesmo que entendesse por paz o fim desta força destrutiva, é preciso entender que, enquanto esta força reinasse, não haveria outro possível entendimento senão aquele que corresponde a um mundo frio, despovoado, sem vida e sem sentido. Mesmo hoje, em que as coisas parecem tomar outra direção, não estou certo de que esta força mortífera não se encontra realmente soterrada e que dentro de algum tempo não terá reunido toda a sua energia para retornar e a tudo destruir. Por isto, tenho de trabalhar muito rápido, concluir estes escritos antes que seja tarde. Na verdade, sempre tenho vivido esta urgência. Sempre tenho de terminar logo o que estou fazendo, porque senão corro o risco de jamais concluí-lo. Toda a minha vida pode ser entendida como uma forma continuada de ejaculação precoce, com o remoto receio de que o efetivo dono desta vida chegue e tudo interrompa, que corte as minhas fontes de existência e que lance os meus restos em alguma lixeira urbana.

Agora, talvez, possa explicar melhor por que a paz não é possível. Poucos já terão tido acesso a esta informação fundamental: há entre nós aqueles que, por alguma razão – já ouvi dizer que seriam cósmicas ou cármicas, mas nunca encontrei qualquer prova definitiva – nasceram escravos. Não é exatamente uma escravidão como aquela sobre a qual somo informados na escola: como os negros nos tempos coloniais, ou os

escravos na antiguidade. É algo mais complexo, misterioso e difícil de ser entendido. Na verdade, a nossa alma é propriedade de alguma força anônima, que pode retomá-la quando for a sua vontade e não dá, em geral, ordens em relação a coisas cotidianas, mas estabelece proibições definitivas. Sem dúvida, esta força tem muito a ver com a experiência dos primitivos – ao menos no que mencionam os livros-texto – que sentiriam a proibição em relação a certas coisas, lugares ou ações. Mas, no meu caso – e, tenho certeza, no caso de todos os meus irmãos de sofrimento – a proibição diz respeito a muitas coisas em particular, mas esta, principalmente, é dirigida à vida como um todo. É proibido viver, é proibido criar, é proibido amar, é proibido reproduzir-se, é proibido expandir-se. Nós somos os devotos da morte, somos os escravos da morte, somos a propriedade da morte.

E não há outro jeito. Quando escrevo estas linhas, sou tomado da mais absoluta tristeza, e percebo em mim que sou apenas um reles traidor. Por que falo mal ao mundo sobre a morte, quando ela foi a única realidade, a única pessoa, a única força que, ao longo desse tempo em que tenho estado no planeta, realmente tomou conta de mim, acalentou-me e mesmo me ninou em meu berço. Sou realmente um ingrato, que merece todos os sofrimentos por que passei e todos os sofrimentos por que passarei.

Ninguém das minhas relações é capaz de entender esse amor eterno que me liga à morte. É que, mesmo que eu deblatere contra a sua destrutividade, não tenho forças, não tenho vontade nem tenho condição de dela me afastar. Sou realmente seu filho amado, seu escravo. Carrego em meu corpo a marca definitiva desta propriedade, e jamais buscarei a carta de alforria.

É claramente possível ver que esta voz que se colocou em meio ao meu discurso tão sério e tão racional tem todo o direito de afirmar o que desejar. Mas eu estou pouco a pouco conquistando o direito de ter a minha vida, de ter o que me pertence e de manter relações mais afastadas e menos familiares com a morte. Na verdade, a morte foi a minha morada desde o meu nascimento, e agora que pude crescer, posso mudar-me, procurar outra casa e alargar as minhas relações.

Por alguma razão ignota, os meus pais ausentaram-se quando do meu nascimento e, neste momento, eu fui adotado por uma força que estava de passagem no lugar em que fui dado à luz. É difícil entender, também, o fato de meus pais saírem de cena. Eu

próprio indaguei deles, várias vezes, a este respeito, e eles sempre afirmaram que nunca se retiraram. Em quem acreditar, pois? O que sei é que neste instante ou neste momento em que meus pais se ausentaram ou pareceram se ausentar, a morte passou e me tomou como seu filho. E, daí em diante, fui por ela criado, tendo apenas sido filho de meus pais de um modo nominal, embora tenha de agradecer-lhes por tudo o que me deram ao longo dos anos.

Esta companhia da morte, que foi minha mãe, amiga, mestra, companheira, amante, proprietária, senhora, carcereira, torturadora, esta companhia da morte, eu nela me deleitei por quatro décadas. Da morte absorvi tudo o que podia absorver. Ela foi o seio perfeito de minhas fomes, a fonte de minhas inspirações, o meio perfeito de alcançar as uniões que eu pretendia alcançar. Entretanto, ela também foi dona ciumenta de minha existência, não permitindo que eu pertencesse jamais a quem quer que fosse. Este sempre foi o nosso pacto, o perfeito pacto que até hoje vigora e que atualmente eu gostaria de discutir. Confesso, porém, que não venho encontrando da parte da morte uma razoável receptividade para uma tal discussão.

Pensam que eu não tento falar com a morte?

SÉTIMO

Quando pretendo trazer o assunto chamado dinheiro, começo a sentir que a falsidade poderá se instalar a qualquer momento. Nunca tive grande coisa contra o dinheiro. Minto. Realmente, no final de minha adolescência vi que não gostava do dinheiro, vi que o dinheiro estragava mais do que consertava, que dificultava mais do que contribuía. Muito tempo depois, duas mulheres me ensinaram a respeito do dinheiro. Cheguei a lhes ser muito grato por tudo o que me propiciaram com essa história de dinheiro. Mas hoje sinto que foi, talvez, uma coisa muito errada e sinto que elas, na verdade, são inteiramente escravizadas pelo fantasma do dinheiro, pela realidade concreta do dinheiro e por tudo que é necessário para obtê-lo e para gastá-lo. Ao menos da maneira como me ensinaram e da maneira como consegui fazer as coisas. Depois que aprendi a ganhar dinheiro, vi que não seria capaz de somente fazer as coisas e que, ligado a tudo o que fazia, estava presente a questão do dinheiro. Sim,

eu tenho um método de ganhar dinheiro. Não é de nenhum modo segredo. Está na maioria dos livros de administração de negócios ou de *marketing*. É, no fundo, muito simples e tem quase tudo a ver com a caça e a pesca. Basta aplicar os princípios da caça e da pesca e manter uma certa constância, que o dinheiro começará a vir numa boa quantidade. É certo que algumas práticas mentais serão, também, necessárias se se desejar o dinheiro em maior abundância.

Sei que ninguém hoje em dia – e falo realmente em hoje em dia – é capaz de ler estas linhas e permanecer indiferente. Há na maior parte das cabeças a consciência muito aguda de que o dinheiro é necessário para conduzir a vida e que mesmo que não se almeje grandes quantidades de dinheiro, não é possível viver sem dinheiro. Como fizeram com que esta consciência tomasse conta da gente talvez seja misterioso. Mesmo os que estiveram envolvidos com a contracultura, mesmo os que foram existencialistas brabos, mesmo os poetas e todos os criadores que conheço reconhecem no íntimo e também abertamente que sem dinheiro a vida não é possível. Não se pode dar um só passo sem uma moeda. Não é possível viver um dia sem que o dinheiro não esteja presente. Há, reconhecidamente, no ato de adquirir, uma autossatisfação que jamais se encontrou igual no mundo. E tenho, hoje, a absoluta certeza que se trata de uma união mística, talvez a única, que o mundo na sua forma presente tornou possível. É mais fácil do que qualquer outra forma de união, mesmo a sexual. Enquanto as outras uniões são difíceis, incertas e dolorosas, no caso do dinheiro, basta ir a algum lugar e comprar.

Não me venham, por favor, com esta história dos que não têm dinheiro, com a história da pobreza absoluta. Pensam que eu ignoro isto? Pensa que não tenho, também, a dizer o que me perturba a respeito? Mas não me venham com essa história agora, porque estou falando sobre os que têm dinheiro, e entre nós contam-se aos milhões. Talvez, duas ou três dezenas de milhões. É uma minoria, mas é também muita gente.

Para me tornar mais claro a respeito da questão do dinheiro, devo descrever o que recentemente vi nos EUA³. Como em todos os lugares, há por lá gente com muito dinheiro, gente com dinheiro e gente com pouco dinheiro (e gente sem dinheiro, mas

³ Essa viagem deve ter sido no ano de XXX.

estes ali são pouco numerosos). Os que têm muito dinheiro e os que têm dinheiro realizam os seus atos místicos nas lojas respectivas e, em geral, adquirem artigos novos, especialmente aqueles que têm um custo mais ou menos baixo. Por sua vez, aqueles que têm pouco dinheiro, vão gastar o seu pouco em lojas de segunda mão ou, então, em feiras de objetos usados. À primeira vista, parecia que eles lá iam para atender às suas necessidades e devido às suas posses. Descobri, porém, que iam ali para realizar a atividade de comprar, como os de classe de renda mais elevada – e, como eles, compravam inúmeros objetos “inúteis”.

Falei isso como economista, mas tal coisa ressoa em mim de um modo muito diverso. Ressoa como o abandono de qualquer outro mundo, de qualquer tipo de consolo que não seja a coisa e o prazer possíveis agora ou, no mínimo, em breve. E vejo com estes olhos um comportamento tão primitivo como sempre. Na base, este animal que, como se disse, é o único que sabe que vai morrer e que, martirizado por esta dor permanente –, e que, hoje em dia, é absolutamente óbvia e gritada de todas as maneiras em todos os lugares –, busca realizar a vida da maneira como considera realmente possível. Não, não queria trazer para aqui uma teoria, uma visão que pudesse de alguma forma ser submetida a testes. O que eu gostaria de trazer para estas páginas é a própria dor e a fuga da dor. Ou nem mesmo a fuga da dor, que todos consideram que isto não é possível. Não há outro mundo, não há um outro mundo em que estas coisas básicas estejam superadas. E o que há de mais detestável do que a certeza de que se vai morrer em um mundo com mais comodidades, invenções, prazeres, oportunidades, formas de crescimento, beleza etc etc? E é exatamente este mundo em que o dinheiro circula. Morrer para os que hoje têm dinheiro é como morrer jovem, sem ter realizado as possibilidades que a vida oferece. Isso torna a morte absurda, qualquer morte.

É claro que estamos falando de um mundo que ultrapassou os problemas da subsistência. Agora, trabalha-se como uma espécie de jogo, para ver quem consegue, de maneira mais esperta, o maior número de fichas, que serão usadas no jogo da aquisição. Esta aquisição pode ser proprietária, mas é principalmente consumidora. E, ao dizer isto, posso perceber que estamos vivendo uma espécie de desfecho de um problema anteriormente colocado. O problema que anteriormente se colocou em termos

planetários era o da oposição entre a contracultura e o consumismo. O consumismo venceu – e possuía, sem dúvida, muito mais força e foi inclusive capaz de absorver alguns elementos da contracultura (comparar com a oposição entre a fé e o iluminismo, na concepção de Hegel).

De outra parte, o jogo do trabalho e o jogo do consumo em certos pontos já começam a se entrelaçar, formando uma única realidade comum. A pessoa já não sabe direito onde começa o trabalho e onde termina o lazer. Na verdade, as duas atividades são criativas, são prazerosas. Pode ser realmente o fim da distinção clássica entre produção e consumo.

Oh, meu Deus, quanta heresia estou cometendo. Perdão, perdão a todos. Este livro é supostamente místico e acaba falando em uma certa linguagem de economista. E quando o economista começa a prestar atenção ao que está escrito, as coisas se transformam e não se sabe direito do que se trata mais. E jamais se saberá. E jamais aqueles que estiveram todo esse tempo contra mim chegarão a entender exatamente do que estou falando e do que virei a falar. Saibam todos que andei esse tempo todo da minha vida temendo, temendo demais dizer o que via, o que entendia e o que pensava. Não sei quantos dos que tiveram realmente alguma coisa a dizer sofreram este modo de dizer. Talvez todos. A imagem que vem à mente é a de um Giordano Bruno ou de um Galileu. Mas o que sinto é que nada disso mudou. A ameaça continua terrível e já não é tão aberta, e sim secreta e tremendamente hipócrita. Os inquisidores então perto de nós, ao nosso lado e, em certos casos, escondidos nas nossas próprias dobras. O que eles não desejam, o que eles odeiam é qualquer ameaça às coisas que são as suas suposições básicas. Certamente, estão atualmente mais selvagens a respeito disto do que em qualquer momento anterior da história humana. Se não estão, eu ao menos sinto isto ou senti durante todo o tempo, e por isto fiquei calado, não quis dizer o que via e quando o fazia, tomava os cuidados mais exagerados.

Um terrível medo de ser morto, de ser cortado em pedacinhos, de ser perfurado com os instrumentos mais horrorosos, principalmente, de ter o meu pau e a minha língua cortados. Alguém aí na plateia já sentiu isto? Se sentiu, venha juntar-se a mim e, juntos, poderemos nos ajudar a vencer este medo fundamental. E este medo é, no fundo, o

mesmo que faz com que aqueles que acima mencionávamos corram para as lojas, em busca do objeto que venha superar estes sentimentos dos mais terríveis.

Não, não consigo sentir mais, não consigo esconder mais estas coisas fundamentais. Se quiserem vir para cima de mim e fazer tudo o que costumam fazer com aqueles que estão dispostos a enfrentar as consequências de seu discurso, que façam. Pior. Não tenho mais nada a perder. A vida em silêncio não me interessa mais. Também, não estou disposto a fingir que está tudo bem, que possam contar comigo que eu não vou dizer nada. E nem pensem que comecei a berrar unicamente porque não estava satisfeito com a fatia do bolo que estava recebendo. O tamanho da fatia, hoje, não faz a menor diferença. Ou por outra: nunca será desta maneira que conseguirei um pedaço maior e melhor. E mesmo que consiga, quando chegar aos meus lábios terá um gosto tão diferente que não sei se poderei ainda chamar isto de bolo. Ou será um pedaço de carne humana, que todos estarão dispostos a oferecer-me, em homenagem a minha presumida coragem ou então em antecipação com o que farão comigo em breve., ou pensam que farão?

Tenho de voltar à questão do dinheiro, porque este é o meu tema fundamental nestas páginas. Não vejo ninguém reclamar a respeito, e chego à conclusão de que ou não estão entendendo o que está ocorrendo a sua volta ou simplesmente estão satisfeitos. Assim, e falando de dinheiro – e certamente, quando estiver disposto a levar adiante o plano de rasgar um monte de dinheiro em público – as coisas ficarão feias. Pensarão que sou louco – ou talvez, pensarão que estou louco – e isto tranquilizará as suas cabeças. Ah sim, pensarão que sou louco. Foi sempre assim, não foi? Aqueles que não estão dispostos a seguir o processo geral não podem ter enlouquecido assim, de um momento para outro. O que aconteceu e que nasceram assim mesmo, e nunca tiveram realmente jeito.

Ganhar e gastar é, contra estes dois movimentos, a minha maior revolta. É que não se pode parar de ganhar, nem um só momento. Esperamos uma cadeia sem fim de ganhos. Claro, sabiamente, podemos admitir as perdas, mas sempre estar seguros de que na média, ganhamos. E aqui devemos explorar o duplo sentido de ganhar, ao menos na nossa língua. Ganhamos uma partida e ganhamos um presente. E entre nossos ganhos alguns são apenas recebimentos – e sentidos como uma coisa sem

maior importância – e outros são realmente ganhos, no sentido de conquistados. Quanto mais a nossa vida se constitui em ganhos no segundo sentido, é como se uma afirmação de nossa vida se apresentasse e de fato é uma afirmação de nosso eu. Outra vez, o guerreiro primitivo ostentando a sua caça, e o guerreiro moderno ostentando o seu carro, a sua casa, a sua roupa, ou, então, a conta elevadíssima de um restaurante da moda. Não, não há nada demais nesta semelhança, que não é pequena e também não é forçada. O que é nauseante em tudo isto é que o homem aceita o dinheiro como o elemento para definir as condições daquilo que a caça servia antigamente. Retornar à caça. Até que seria engraçado. E sem dúvida há aqueles que, ao exhibir os troféus de caça ou de pesca, vivem engraçadamente no passado.

Então, me perguntarão: por que tanto ódio ao dinheiro? Não é ele senão mais outra forma de jogar-se o jogo dos troféus? E não cumpre outras funções importantes? E haverá, também, aquele que me apontará o fato de que dinheiro de verdade está quase sempre ausente e que comandam todos estes dados contracheques, cheques, cartões de crédito etc. Tudo bem. Mas no fundo continuamos na mesma: um número que é poder e que nos representa e que se poderia ter tomado inicialmente sob a forma de um instrumento passou a ser, como todos sabemos, um fim, e, especialmente, passou a ser a nossa medida. E há mais: comece a usar o dinheiro como a medida de muitas coisas e daqui a pouco chegará ao ponto de tomá-lo como a medida de quase todas as coisas.

Podem perguntar: afinal, possui você alguma proposta positiva? A minha resposta é: não. E se perguntarem por que faço isto, digo que é porque eu sou assim, porque eu vejo isto e também porque eu não vejo lá muita saída. Na verdade, o pessoal está razoavelmente satisfeito, divertindo-se bastante, conseguindo afastar os sentimentos mais desagradáveis.

OITAVO

Um elemento por onde percorrer: por que os caminhos ficam assim bloqueados, por que não é possível ir mais adiante? Sei que isto tem ligações com toda esta conversa sobre o crescimento pessoal e o desenvolvimento. Uma longa conversa que não sei

direito até onde pode ter levado. Repito-me sem parar que não tenho encontrado gente em melhores condições em torno de mim, embora haja tanta coisa disponível que promete este tipo de melhoria. Na verdade, não sei se esta impressão de que o mundo está continuamente se deteriorando não é nada mais do que algo que está dentro de mim e que transporto para o exterior. Na verdade, vem de mim, neste momento, uma impressão de, talvez, quinze anos atrás, quando o mundo me parecia cheio de frescor, embora eu mesmo estivesse tão carregado de depressão e inibições e não sabia o que fazer com tudo isto. A diferença entre aquele tempo e hoje é que naquele tempo eu parecia crer em muitas coisas e o mundo parecia menos velho e mais misterioso. Hoje, o mundo parece tão conhecido e velho e previsível. Uma espécie de realidade massacrante, que me sufoca. E é tão difícil ou quase impossível tentar alguma coisa diferente. O que me parece que seria diferente, e isto é realmente um escárnio: ingressar no caminho que hoje o mundo está oferecendo e começar a comprar um carro maravilhoso, cercar a minha vida de coisas lindas, caras e bonitas, frequentar os melhores lugares. Isto é, deixar-me ser embalado por aquilo que hoje é o mundo. Não lutar contra ele, porque isto de pouco adiantaria e, especialmente, teria com consequência que o tempo passaria sem que eu tenha experimentado a vida na forma como hoje se apresenta.

Esta é sem dúvida o real da tortura que me aflige. Estarei eu realmente escapando do melhor? Não tenho coragem de cobrir o meu corpo e a minha vida com a qualidade que está sendo oferecida. Outro dia, argumentava com um amigo a respeito do ato de cobrir-me de ouro. Ele dava a interpretação mais comum. De que as pessoas, em geral, se cobrem de joias para compensar o vazio que sentem internamente. Apresentei-lhe uma outra visão: há pessoas que se cobrem de joias para venerar os deuses que sentem ser, para honrar o ser que percebem ser. Ou por outra: dão a si mesmos o que consideram que é seu merecimento. Estão, realmente, no extremo oposto da autodesvalorização. Na conversa dei como exemplo o caso de como sempre se cobriam os deuses e os santos com ouro e pedrarias, e que as coisas preciosas eram oferecidas realmente aqueles que apareciam como sendo de grande valor.

Isso tudo nos faz mergulhar na economia, novamente, e trata-se de algo inevitável. A economia está em tudo, embora não da maneira como os economistas, em geral, a

tratam. Ela tem de ser abordada de modo espiritual, tem de ser percebida na forma de uma parte segundo um todo que é a vida humana. E tem de ser percebida como é capaz de dominar a vida como um todo, e aí começa a sua patologia mais séria.

Aproveito este momento de referência à economia para trabalhar algumas ideias. Não dizem respeito diretamente ao que estou escrevendo, mas são muito importantes. Em primeiro lugar, não posso perder de vista que a questão econômica me interessa, mas ela tem se apresentado de um modo que não é o meu. O modo como se tem apresentado diz respeito ao predomínio da física econômica sobre a hermenêutica econômica. A previsão dos movimentos sobre a previsão do sentido. O curioso é que a previsão dos movimentos não dá certo, mas as pessoas continuam a fazê-lo e estão por demais apegadas a isto. A questão do sentido é em parte tomada pelo marxismo, mas o seu problema é que já tem o sentido predeterminado e não percebe senão muito miopemente novos sentidos. Sobre tudo isto vale a pena escrever e mesmo vale a pena fazer ciência social desta maneira, que é indubitavelmente aparentada com a filosofia, ao menos a filosofia da cultura. Entretanto, com os esforços no sentido do aprendizado da economia institucional, perdi a minha relação com ela. Isto é um tema por demais escabroso, porque toda a filosofia analítica ou a forma analítica de funcionamento acaba destruindo partes minhas. Ou alguma coisa a mais acontece, que terei, ainda, de descobrir.

Dessa forma, algumas coisas estão hoje amadurecendo. Interessante que o livro sobre a economia norte-americana seria um interessante exercício, mas não sei se terei tempo. Um livro sobre questões de estratégia, com uma introdução, é uma coisa obrigatória. Como, também, seria o estudo do livro do Schelling. E até, no Brasil, um seminário sobre a economia norte-americana.

Interessante que não consigo, realmente, abandonar a economia, como tem coisas dela que eu aprecio. O problema é que perco o pé, ou perco a forma de relacionar-me com ela.

Outra coisa vem sendo objeto de meus pensamentos: os seminários a desenvolver no Brasil. Sem dúvida, os seminários de negociação terão o seu lugar, mas poderão sofrer algumas transformações. Seria o caso de desenvolver o que não fiz: os seminários sobre argumentação e sobre estratégia. Mas seria muito interessante dar

um seminário de negociação mais avançado, integrado com elementos espirituais, tanto na parte da teoria quanto na parte da prática. Mas, também, faria sentido um seminário ligado ao desenvolvimento espiritual – tipo *rebirthing*, aricá⁴ ou alguma coisa parecida. Na verdade, percebo que uma das melhores formas de realizar este desenvolvimento é dar os seminários e pesquisar formas de fazê-los de um modo mais sistemático.

Entretanto, esta coisa de dar seminários não me parece das mais satisfatórias. Não quero ser isto, porque prefiro a atividade de criação. E sempre me pareceu que ganho muito pouco em termos humanos nestes seminários. E não acredito que nos seminários espirituais de fim de semana alguma coisa diferente acontecerá. Os seminários servirão basicamente para completar a remuneração. E devo ver que com o trabalho na FGV junto com o seminário já tenho bastante. Se pegar mais um ou dois seminários por mês, as coisas começarão a ficar pretas.

O importante é escrever, escrever, escrever, escrever, escrever, escrever, escrever, escrever, escrever, escrever, escrever, escrever, escrever..... Ouviu? Leu? Entendeu? Foi escrevendo que me vieram todas estas impressões. Não posso parar de escrever... Posso fazer de tudo, contanto que não me impeça de escrever.

É isto: como encontrar o caminho que me leve ao centro fértil que eu possuo e todos parecem possuir? Sim, isto é uma invocação e ela parece já uma coisa tão repetida. Aquela velha história de que usamos apenas dez por cento de nossa inteligência. Será realmente verdade? Não sei. Sem dúvida há aquela velha história de que usar a mente, ser criativo mexe com certas coisas da vida, aumentando a instabilidade, os riscos e as ameaças. Sim, isto parece ser, em parte, verdade, mas não inteiramente. Porque mesmo sem usar a inteligência e a criatividade, tanta gente vive em meio de insegurança, sentindo ameaças terríveis e realmente sendo incapaz de dar a isto respostas inteligentes e criativas. Portanto, esta explicação de que não usamos os nossos potenciais devido ao medo não me parece satisfatória.

Desde há muito tempo que sabemos que existe um mistério a respeito de nossas origens como seres humanos. A pergunta não é apenas como chegamos a ser o que somos – o que é complicado, mas de algum modo acessível – mas, também, por que somos o que somos. Conforme me lembro imediatamente, há uma história de mistério

⁴ Aricar – lavar; arica, palavra indígena? – sentido não encontrado. Nota da editora.

ou de detetive que pode ser escrita a nosso respeito. Apareceu no mundo um animal como nós, sem que pudessem ser inteiramente indicados os seus antecessores de uma forma cabal. Sem dúvida, temos muitas coisas em comum com os antropóides, mas as diferenças básicas estão ainda por ser explicadas. E este fosso que é, de alguma forma, preenchido por misticismo ou religiões é o que nos caracteriza e é exatamente este fosso entre a animalidade e o que somos. Penso que esta dificuldade de chegar ao ponto da criatividade, ou do uso mais pleno da nossa inteligência tem a ver com a nossa origem, ou melhor, com a nossa ignorância acerca de nossa origem. Algumas pessoas, seja por esforço, seja de nascença, seja pelas duas séries de causas, são capazes de atingir este ponto básico. Mas mesmo que o sejam, nunca pareceram capazes de realmente transmitir o modo de fazê-lo ou, quando o fizeram, tiveram de usar a linguagem mitológica ou, então, falar em termos de algum tipo de graça concedida. Ou seja, não está ao nosso alcance, como está ao nosso alcance ir agora até o fogão, acender o fogo e fazer café.

Em relação a isto há sempre a repetida teoria de que é a própria mente ou o corpo/mente que reprime este contato com o centro energético ou criador. Aparentemente, a primeira formulação disto foi da parte de Aldous Huxley, no seu livro *As portas da percepção*. Segundo Huxley, a mescalina teria o efeito de fazer cessar o efeito autorrepressor de certas partes do cérebro que nos levam a ver as coisas de um modo separado e pragmático. Uma vez cessado este efeito, temos acesso ao centro da visão una e ao fluxo de energia cósmica.

Para quem conhece Nietzsche ou Freud, estas ideias não são originais. Em sua base, esta é a teoria da repressão. E a questão, mais geneticamente, toma a forma de como desreprimir⁵. Sem dúvida, a ideia mais comum em termos de desrepressão diz respeito à desrepressão sexual e afetiva. Pelo menos este é o trabalho psicoterapêutico mais comum. O outro tipo de desrepressão que leva a centros energéticos ou espirituais constitui um passo mais adiante e pode-se formular a ideia de que só a ida a estes centros permite uma real desrepressão afetiva e sexual.

⁵ Aqui creio tratar-se do termo desreprimir, que é a desrepressão interna sobre o id ou inconsciente, exercida pelo superego. Nota da Editora.

A PEQUENEZ. A PEQUENEZ. (E O RECONHECIMENTO DE QUE ESTOU AGORA ENTRANDO EM UMA FORMULAÇÃO MAIS PROSAICA. EM GERAL É ISTO QUE TENDE A ACONTECER. TENHO DE EXAMINAR COM MAIS CUIDADO.)

NONO

Agora, não é bem diante da folha em branco, mas da tela negra e das possíveis letras amarelas. Agora, tenho de enfrentar o que sempre ocorreu e que não disse jamais claramente. O que foi? Isto de sumir a minha voz, de perder o fio, de não conseguir dizer como é o que estava dizendo. Como ocorreu, sem dúvida hoje de manhã, quando se instalou uma espécie de espírito ensaístico, que não tem nada a ver. De outro lado, sinto uma camisa de força. Como se não pudesse fazer referências a esta estada por aqui, que não por acaso é terrivelmente importante.⁶ Claro que há uma razão, a questão da bolsa de estudos e toda a rede institucional. Como se a minha pesquisa fundamental não fosse tão ou mais importante que tudo isto. Inclusive porque não vi nada, nada de realmente interessante acontecendo na escola em termos de filosofia. Uma coisa praticamente morta. E o que apareceu de mais ou menos alternativo – Needleman – não desperta também grandes coisas.

De verdade: o fundamental é encontrar uma linguagem, que já deve estar existindo, que não lance ao lixo as questões e as práticas do misticismo, já que este se tornou tão dominante e redundante e repetitivo, ao mesmo tempo em que se torna absolutamente claro que não realiza o que apregoa (pelo menos eu ainda não vi, realmente não vi). No entanto, as pessoas por aqui não tendem a questionar o que existe e o que lhes é apresentado e para elas está aparentemente tudo bem. Dessa forma, o misticismo em geral – e aí se inclui tudo – tornou-se dominante sem que as pessoas se tenham mostrado mais capazes de controlar as suas vidas, realizar os seus desejos, encontrar as pessoas que desejam modelar as suas relações, sem que tenham conseguido levitar nas ruas, comunicar-se a distância sem o auxílio de meios materiais, ou controlar os níveis de energia e manter a saúde em boa condição. Já disse e agora repito: parece tudo uma grande brincadeira de uma sociedade superafluente, que tem os principais

⁶ Aqui torna-se claro que a data da obra *Distúrbios* corresponde ao período em que estudou pós-doutorado na Califórnia – enquanto seu principal interesse era a filosofia e a literatura. Nota da Editora.

problemas materiais resolvidos (oh, como me martela a cabeça a imagem dos negros no supermercado. Bem vestidos, em geral, e comprando tudo o que era possível comprar. Os enormes pedaços de carne, os montes de biscoitos e de refrigerantes, os congelados e as latarias. E eles não representam o ponto mais elevado da renda, como bem se sabe).

Mas tudo isto não invalida a busca. Apenas nos obriga a uma outra maneira de olhar, a uma outra maneira de pensar. Está claro que não se trata de voltar à visão empirista, positivista, atomista. Talvez, o que deve ser entendido é que todos estes conhecimentos, estas técnicas e estas visões não são positivos, mas, em geral, carregados de grande negatividade. Dificilmente se pode construir uma vida tendo-os por base. Se assim for feito, tornar-se-ão uma pura balela, especialmente se forem usados de forma comercial, como ocorre por aqui. Isso vive martelando em minha cabeça. Torna-se mais terrível na medida em que sirva para enganar exatamente os desesperados (como eu, por exemplo). Neste caso, trata-se de um conto do vigário, e infelizes daqueles que gastam o seu dinheiro em busca de uma solução e apenas encontram mentira, engodo e ilusão. Entretanto, acho que para a maioria o caso é diferente. Não estão realmente desesperados – a não ser em casos bem pouco numerosos, e de fato estão em busca de algum divertimento, e se este divertimento vier acompanhado de um crescimento espiritual, tanto melhor.

Estas considerações são preliminares. Vêm a propósito do que ocorreu comigo hoje, e acho que é o momento de tornar isto bem público. Cheguei à conclusão de que sou muito capaz de construir um sistema que esteja em igualdade de condições com a maioria dos que aqui se encontram em oferta. Na verdade, caso sejam examinados, é possível ver que se utilizam de determinados ingredientes fundamentais. Para torná-los atraentes, é necessário dar-lhes uma forma que ajuda a memorização, e, ao mesmo tempo, apresentar as promessas mais significativas.

Mas para apresentar este sistema, terei eu de mostrar-me um mestre de grande peso? Acho que por aqui não é absolutamente necessário. Um pouco de pose e alguma consistência no comportamento bastam. Não pedem provas.

É possível, não sei, que tenha descoberto um dos segredos mais fundamentais da vida humana. Acho que já desconfiava um pouco do que se tratava. Basicamente, o

que é mais importante é a aparência e especialmente a aparência inquestionável de estar seguro de si. Uma repetição constante, de modo inconsciente, de que se possui valor, de que o que se faz é fundamental e que vai mudar o caráter das coisas. Nada mais é necessário e, talvez, a grande questão seja simplesmente esta: como chegar ao pleno convencimento do próprio valor, como torná-lo forte e inquestionável. Será isto uma coisa que pode ser obtida através do estudo? Ou é algo com o qual se nasce ou de que se pode dispor a partir da forma como se é recebido no mundo?

A questão, meu amigo, não é fazer estas perguntas. A questão é realmente construir um sistema teórico e prático. É estabelecer, talvez, uma igreja, talvez, apenas, uma doutrina, talvez, unicamente um sistema ou um método. É na formulação deste método que hoje me encontro. Um dos principais axiomas deste método é que a postura de quem busca no mundo, colocando-se aberto para receber, não leva senão a desastres. O princípio do método é de que se deve ir ao mundo para buscar a formulação do próprio método prático, da combinação que será adequada. O que o método pode fazer é apresentar os métodos fundamentais de diagnóstico e as bases que servirão de elementos para as combinações.

Mas isto é simples demais. O fundamental é de outra natureza. Uma parte do método, talvez, seja a forma de questionamento e, talvez, a forma de destruição. Não, não será isto. A sua essência apareceu rapidamente diante de minha mente e logo escapou. E foi exatamente isto: esta coisa que logo escapou, certamente, e o método deve estar preparado para ir ao seu encaixo. Assim, o método é sem dúvida um meio de capturar coisas realmente sutis. Não apenas as sutilezas materiais como, também, sutilezas espirituais.

Pois não é outra coisa a minha vida atualmente do que a busca agitada, aguda, doida e meio enlouquecida do que venha a constituir este sistema ou este método. Qual o objetivo do método? A riqueza? A saúde? A longevidade? A inteligência. Não, não, não, não e não. O método não trata da busca de meios, que serão utilizáveis em qualquer situação. Trata-se, então, de fazer com que as pessoas se sintam bem na sua realidade. No falado e tão falado aqui e agora? Trata-se de fazê-las conciliar-se com a sua vida e a sua realidade? Não, não e não. Estas duas formas já foram testadas e utilizadas e, certamente, deram certo em outros tempos. Mesmo nos métodos para o

tratamento das coisas ditas eternas cumpre realizar mudanças. Esta é sempre uma questão estratégica. Será sempre preciso mudar, estabelecer novos princípios estratégicos e novos sistemas. Posso, agora, estabelecer alguns princípios:

1- O princípio do movimento. Em cada situação, coisa ou pensamento está contido o princípio de sua transformação. Encontrá-lo é a orientação básica. Entretanto, o princípio do movimento, quando aplicado ao movimento, origina a suspensão do movimento.

2- O princípio da voz. Trata-se tanto de um exercício fundamental quanto de uma realidade da qual não podemos nos apartar. Não apenas temos de buscar a nossa voz, quanto temos de perceber com clareza que somos capazes de falar segundo várias vozes. Temos de experimentar essas diversas vozes e mesmo perder-nos entre elas, chegando em certos casos a perder a voz.

3- O princípio da ideia. Este princípio indica que devemos ter uma receptividade sem limites em relação às ideias e explorar os caminhos que elas, por acaso, possam nos indicar. Há, sem dúvida, ideias melhores do que outras. Sob certos ângulos, é possível estabelecer alguma hierarquia. Entretanto, nunca se sabe realmente aonde pode nos conduzir uma determinada ideia só ou, principalmente em combinação com outras.

4- O princípio da experimentação. A compensação da novidade constante que pode constituir a nossa vida é a possibilidade de organizar ao menos parcialmente os acontecimentos, de modo que sejam produzidas determinadas vivências e testadas determinadas ideias, hipóteses ou concepções.

(Aqui eu ia pôr outro princípio, mas não estou ainda seguro de qual seja, nem certo a respeito do seu número exato. Na verdade, procuro um novo sistema que não corresponda a uma saída entre a dicotomia que é posta entre os princípios místicos e a vida cotidiana da sociedade comum. Alguma coisa assim: nem o amor, nem o egoísmo; nem a introspecção nem a extroversão; nem o apego material nem o desapego. Busco realmente uma saída, mas devo tomar cuidado para que esta saída não se apresente como uma superação apenas na superfície, e de fato não seja nada senão uma linguagem um pouco diferente, que na prática nada acrescenta. Na verdade, quando

faço estas observações, recordo-me, até um pouco envergonhado, de que a magia, por exemplo, na forma como a conheci e pratiquei, esteve ligada à autorrealização, segundo os valores convencionais. Ora, os meus princípios assinalam que a magia pode funcionar; mas é, também, preciso ser capaz de saber quando ela irá ou não irá funcionar. Realmente, se ela fosse exatamente como a física ou a engenharia, funcionaria sempre. É exatamente o fato de que não funciona sempre que depende de certas condições que não são controláveis, o que a torna algo diverso. Gostaria até de ver se estes estudos atuais sobre o xamanismo leve levam ou não em conta tais aspectos.

5- Talvez possa introduzir o quinto elemento. Sem dúvida, há a atração, que explicaria que as coincidências não são coincidências. No entanto, há que se admitir, também, o acaso e permitir-se experimentá-lo, viver as suas possibilidades e sem dúvida as suas ameaças. Talvez seja o caso de classificar as situações da seguinte forma:

- a- o que acontece segundo as leis
- b- o que parece coincidência, mas não é
- c- o que contraria as leis (milagres)
- d- o que ocorre por acaso

Posso, então, dizer que o princípio do número 5 informa que há estes quatro tipos de eventos – a série não é fechada – e que devemos estar voltados para a experiência dos quatro. É interessante observar que os eventos do segundo tipo estariam seguindo determinadas leis, as quais não seriam, entretanto, aquelas expressas pelas ciências oficiais. Envolveriam certas coisas, como estar pensando em um fato e ele ocorrer ou estar pensando em uma pessoa e dar de cara com ela. As relações de causa e efeito são enigmáticas. Pode ser que o pensamento tenha sido responsável pelo acontecimento ou então tenha ocorrido uma pré-ciência (sabia-se o futuro). Nos dois casos, leis da física parecem ser contrariadas. Evidentemente, a maneira de contestar a possibilidade desta casualidade é a afirmação de que apenas se trata de coincidência, o que de algum modo permitiu que se testasse a partir de uma série de experimentos em que se pode ver se o número de acertos foi maior do que a sua casualidade. Os milagres são, por sua vez, eventos que podem ser considerados análogos aos referidos

na categoria da coincidência, mas são em termos de intensidade muito diversos. Uma coisa é estar com sede, pensar em beber um copo d'água e aparecer uma pessoa oferecendo um copo d'água. Outra é realmente fazer cair um temporal em uma cidade etc etc. Milagres, entendidos como poderosas interferências na natureza, parecem extremamente raros.

Entretanto, o seu conhecimento é o estudo de sua possibilidade, e a vivência de sua possibilidade constituiria um dos princípios do sistema.

6- Este princípio é o da fé. Neste ponto estamos inteiramente na área do tradicional. E dentro desta área, é preciso definir que a fé aqui não é resultado de uma decisão, mas constitui uma graça; cuja concessão é inexplicável. Embora todos os princípios possam funcionar sem fé, a sua presença muda qualitativamente o conjunto. Entretanto, cheguei à conclusão de que não podemos contar com ela e que temos de saber e poder fazer algum mínimo sem ela. Há, sem dúvida, a grave questão das emoções e dos afetos. Nesse terreno, o que é para ser feito e o que é para ser expresso parece bastante complicado. É importante ser entendido que não desejo sair do convencional apenas por sair. Desejo escapar do convencional porque não leva a lugar nenhum (e, na verdade, posso perceber que o próximo princípio deve dizer respeito à liberdade).

7- O sétimo princípio é o da liberdade. Trata-se de vários tipos de liberdade. O primeiro opõe-se à escravidão.

(Engraçado, agora me recordo das colocações de Locke a respeito da liberdade e que, infelizmente, na hora não me comoveram. Em primeiro lugar, ele entende a liberdade como um potencial. Tenho liberdade se posso fazer isto ou aquilo. Em segundo lugar, ele diz que a questão do livre-arbítrio é um erro de aplicação de conceitos. Diz, então, que se pode ter uma ação voluntária que não é livre. Exemplifica com o fato de que alguém pode estar acorrentado e, no entanto, querer ficar onde está).

8- O oitavo princípio é o da ação. Significa pôr-se em movimento, buscar realizar o que se deseja, achar o que se busca, fazer o que se quer. Parte da ideia de que apenas a ação é que é capaz de nos fazer perceber o que queremos e quem somos.

(O que ocorre é que posso preparar um manual com base nestes princípios, explicando-os e elaborando exercícios como poderão ser desenvolvidos. Acho que poderei acrescentar elementos relativos ao uso de sonhos, ao trabalho corporal e qualquer outra técnica como meditação, hipnose, *nip*⁷. No caso das práticas marginais, elas não farão parte do sistema, mas poderão ser entendidas como formas de desenvolvimentos da experiência).

DÉCIMO

Há, na busca que está em andamento, um momento em que o recuo ocorre sem que se possa, de imediato, fazer nada. É que a busca, inevitavelmente, conduz aos pontos mais antigos, em que preponderava o medo fundamental. Esse medo, que perscruta as sombras em busca daquele que nos pretende destruir, que percebe, em cada canto, um provável assassino, tem um fundamento. Essa experiência é ao mesmo tempo interior e exterior. Eu já fora avisado de que ela ocorreria de qualquer maneira. Também, já a experimentara um sem-número de vezes e agora sei a sua origem. Trata-se do que acaba por acontecer quando se abandona qualquer veleidade lúdica em relação ao mundo, quando se deixa de lado a conduta infantil, que vê em tudo a oportunidade do jogo e da brincadeira. Então, o mundo torna-se efetivamente sério e mortal. A contrapartida disto tudo é a mais completa insegurança, quando se percebe que nada no mundo é efetivamente familiar. Ao contrário, o mundo passa a ser povoado, apenas, por inimigos, que estão à caça de você, dispostos a liquidá-lo sem que restem quaisquer vestígios. Esta visão do mundo como inteiramente fechado, sem saída, sem uma possibilidade de respirar, que não deixa uma respiração arfante encontra-se à mão e é preciso vivê-la inteiramente. Se não for possível encontrá-la facilmente, é preciso buscá-la, com o risco de sucumbir, com o risco de não ser capaz mesmo de sair à rua.

Esse terror fundamental é feito da mesma matéria com que é moldado o êxtase fundamental. O grande feito é transformar o terror em êxtase. Recorda a possível transformação do veneno em remédio, do amor em ódio, da vingança em perdão. De fato, a visão aterrorizada é também uma visão total. Por todos os lados encontramos o

⁷ Possivelmente relacionado ao NIP, National Institute of Psychotherapies de Nova York; sentido incerto. Nota da Editora.

inimigo, o próprio mundo mostra-se organizado de formas mortíferas, e não há um só espaço em todo o universo que possa servir de refúgio. Será muito simples a transformação, para quem conseguir realizá-la. Trata-se apenas de uma troca de sinais, pois a energia disponível é a mesma.

É preciso entender que esta experiência, em geral chamada de paranóica, é uma experiência mística tão real e no fundo tão positiva quanto aquelas que são tão bem consideradas. Infelizmente, um sexto sentido, devido ao princípio biológico de sobrevivência da espécie, impele-nos para longe desta experiência. E ela apenas se apresenta de um modo indireto em todas as formas em que buscamos os riscos, ou então quando dele fugimos, porque buscá-lo e dele se afastar são, no fundo a mesma relação. Temo-lo diante de nós e é o caso de aproveitar ao máximo essa oportunidade.

Os que já tentaram o suicídio e sobreviveram saberão do que estou falando. Os que estiveram a ponto de ser assassinados e conseguiram sobreviver também me entenderão perfeitamente. E os próprios assassinos terão, talvez, uma compreensão especial dessa forma do mundo. **Talvez, a percepção perfeita seja mesmo dos suicidas fracassados, pois experimentaram tudo. Foram os assassinos e as vítimas.**

Infelizmente, o suicídio encontra-se sempre cercado de tanto espanto, horror, pena e interrogação, que é difícil olhá-lo de frente e perceber que consiste em uma das mais poderosas experiências espirituais à disposição da humanidade. Talvez, melhor que o suicídio consumado é aquele que, por alguma razão, fracassou. Não por causa da pusilanimidade de quem o cometeu, mas devido ao acaso. Esta conjunção entre o momento de maior integração negativa com o desvio proporcionado pelo acaso revela um lado do mundo e da experiência humana que poucos outros meios podem propiciar.

Já experimentei o suicídio fracassado por duas vezes, e sei exatamente do que estou falando. Não me cabe aconselhar ninguém a fazê-lo, mas não tenho dúvidas de que aqueles que desejam o melhor caminho para atingir o ponto máximo não o colocarão de lado sem mais esta alternativa.

A minha primeira tentativa realizou-se quando eu tinha apenas 14 anos, e eu me lancei do terraço do prédio em que eu morava, que correspondia ao décimo-

segundo andar. As razões não eram fúteis. Uma menina por quem eu tinha uma grande paixão morrera afogada ao brincar com amigos e amigas em uma festa, numa competição de quem ficava mais tempo sem respirar na banheira. Nunca entendi como os médicos disseram que se tratava de um afogamento, o que parecia uma coisa impossível. Eu não estava na festa. Não tinha sido convidado, porque ela não me desejava ver. Eu já havia tentado tê-la, já havia confessado a minha paixão, e ela apenas respondia que eu estava inteiramente louco. Além do mais, ela me dizia que me achava muito denso, cheio de pensamentos e que ela queria ter ao seu lado uma pessoa leve, que com ela flutuasse pela vida. Sem dúvida, o afogamento mostrou que ela estava sendo bem séria comigo quando se referia à questão da densidade.

Soube da morte dela na mesma noite. No dia seguinte, o mundo tornou-se tão fechado e escuro para mim, tão traiçoeiro e destruidor que apenas um pensamento me acompanhava. Eu queria ir com ela para onde ela tivesse ido. Nas conversas que tive em casa e na rua sobre a morte dela eu perguntava a todos, na minha linguagem cifrada, se eu deveria segui-la. Hoje, acho ridículo este questionamento. Afinal, eu tinha apenas quatorze anos. Mas estava inteiramente preparado para a morte.

Não preparei nenhum ritual especial. Jantei com meus pais e quando eles foram ver televisão e os meus dois irmãos foram brincar na rua, fui ao meu quarto. Subi na janela, ficando sentado por quase uma hora. Senti nestes momentos um frescor maravilhoso, embora fosse um dia de verão muito quente e úmido. Não sentia medo, mas, também, não tinha urgência em atirar-me. Entretanto, demorei-me demais e o meu irmão mais novo apareceu. Vendo-me na janela, começou a gritar e os meus pais vieram. Foi um enorme susto para todos, mas a minha expressão calma e um sorriso que exibi e que não sei de onde tirei, a todos tranquilizou.

Embora ninguém soubesse da minha paixão pela morta, imaginaram que eu estava muito tocado pelo que lhe acontecera. Minha mãe deu-me água com açúcar e me fez ir dormir. Fingi dormir e, horas mais tarde, levantei-me cautelosamente e fui até o terraço. **Fiquei sentado na amurada por uns instantes e atirei-me.**

Infelizmente, a minha queda livre foi de duração muito curta. Não me tinha dado conta de que no oitavo andar havia um grande varal de roupa, que me capturou como se fosse uma rede de pescar. Fiquei preso, sem poder quase me mover. Tentei me libertar das cordas e não foi possível. Os vizinhos acordaram e, com algum esforço, puxaram-me para dentro. Ninguém suspeitou que eu tentara o suicídio e deixei que ficasse assim mesmo. Meus pais mais pareciam aborrecidos com uma traquinagem do que preocupados. Sabiam que eu estava muito triste com a morte da garota, mas nem passava por sua cabeça que eu tentara me matar.

A outra tentativa falha foi há cinco anos atrás, no dia seguinte ao meu vigésimo oitavo aniversário⁸. Estava vivendo com uma mulher há cerca de dois anos e éramos, sem dúvida, bastante felizes. Entretanto, durante os últimos seis meses, eu, cada dia, ficava sentindo que uma escuridão ia tomando conta de minha vida e que, certamente, esta felicidade não iria durar muito. Tentei travar uma verdadeira batalha contra as impressões negras que tomavam conta de mim, contra a obscuridade que dominava tudo o que eu fazia, sentia ou pensava. Ao mesmo tempo, eu me tornava um mestre do disfarce. Para todos, parecia feliz ou, pelo menos, contente.

No dia seguinte ao meu aniversário, comemorado com uma grande festa, não fui trabalhar. Passei a manhã ouvindo música e colocando em ordem os meus papéis. Escrevi vários bilhetes de despedida, mas não considerei nenhum deles à altura do que pretendia dizer. Cheguei a pensar que bastaria deixar um papel negro e que este papel diria tudo o que eu estava sentindo. Fui até uma papelaria e comprei um papel negro, destes usados para fazer balões ou pipas. Tinha cerca de um metro e meio por um metro e meio. Preguei-o na parede do meu quarto. Depois, cortei o meu polegar direito e manchei de sangue o papel negro. Em seguida, peguei um vidro de Vallium, que havia roubado da casa de uma conhecida e tomei umas vinte pílulas com coca-cola. Abaixei a música, deitei-me na cama e fiquei à espera da morte. Uma sonolência deliciosa foi como um ampla e bela porta que se abria para mim. Com uma euforia profunda e sincera entreguei-me à morte.

Direi que, infelizmente, não morri? Ou que felizmente fui salvo? Para ser sincero, ainda hoje não sei como julgar a coisa. Sem dúvida, ter-me salvo permitiu todo o

⁸ Escreve *Distúrbios* nos Estados Unidos, aparentemente, mas também no Rio de Janeiro, aos 33 anos.

caminho que segui depois e que, sem dúvida, constitui uma enorme contribuição a tudo o que a humanidade tem de bom e, talvez, de ruim. Mas a morte talvez tivesse sido melhor, que sei eu? O que aconteceu foi que o Vallium que eu tinha conseguido estava com seu prazo de validade vencido, e o seu poder equivalia a seis ou sete, insuficientes para levar-me daqui. Não perdi a vida, mas perdi a mulher, que me tomou horror, quando lhe expliquei as minhas razões.

Digam o que quiserem, mas de uma coisa estejam certos. Eu sei do que estou falando quando falo da morte. Sei do que estou falando, quando falo da escuridão, da vida sufocante, da impossibilidade de existir e da sufocação. E sei, também, que não é isto uma razão para me sentir superior ou inferior aos outros que seguiram caminhos diferentes em seu despertar.

DÉCIMO-PRIMEIRO

Os dias transcorrem sem que eu chegue a qualquer decisão. Vocês sabem como é: uma pessoa só como eu me encontro há tanto tempo em grandes dificuldades de estabelecer contatos, de chegar até os outros e dizer-lhes de uma forma aceitável o que seria mais conveniente. Ontem, cheguei a pegar o telefone umas três vezes, mas quando começava a discar o número do cônsul da Tailândia, desistia. Era como se minha mão se tornasse sem forças, sem vida.

Fiz todas as investigações necessárias sobre o cônsul. Ele chegou ao Rio há uns dois anos e veio com a mulher, que é descendente de chineses, e com duas filhinhas. Seu nome é Va Kuo, tem trinta e sete anos e cerca de quinze de vida diplomática. Já trabalhou na Coreia, no Panamá, na Itália e na Colômbia. Gosta de jogar golfe e pode ser visto aos domingos no Itanhangá. Sua mulher quase não sai do apartamento em que moram no Leblon.

Va Kuo é realmente uma das três encarnações de Buda nesta última metade do século XX. As outras andam pela Europa e pelos Estados Unidos. Quanto a mim, acho que preciso de mais alguns sinais para decidir se sou ou não. Certamente, Va Kuo poderá me auxiliar. Estará disposto a confiar em mim? A compartilhar o que sabe? Porque ele não é um Buda do tipo antigo, disposto a andar pelo mundo distribuindo

compaixão. Agora, somos obrigados a manter o segredo, para evitar a ação de forças dominantes. Ao dizer “somos”, incluo-me entre os Budas. Por que não?

É possível – estive a pensar nisso por muito tempo – que a mulher de Va Kuo acabe por traí-lo. Será que ele sabe ou não? Tudo isto está muito confuso em minha cabeça. Sinto, porém, que ela será capaz de fazê-lo. Assim, a vida de Va Kuo encontra-se em perigo e o próprio desenvolvimento de nosso movimento religioso poderá ficar em sério risco.

Sem coragem de ligar, de nada adianta tanta especulação e tanta pesquisa.

Passei a tarde deitado, tentando dormir, mas o máximo que consegui foi dormir um pouco, talvez por menos de dez minutos. Pode parecer mentira, mas tive um longo sonho, intensamente colorido, no qual o Buda me aparecia dizendo que eu não poderia perder a oportunidade, que a presente existência era para ser utilizada para reunir as forças humanas disponíveis para alcançar a salvação.

Deitado na cama, sem muita disposição para levantar, tento recordar quais os princípios que eu já tinha desenvolvido nestes últimos meses. Deveria ter posto tudo no papel, mas não achei necessário. Pensei que seria melhor ter tudo na cabeça que ali se fosse desenvolvendo.

Toca o telefone. É o meu tio, que pede emprestado o meu apartamento para trazer a sua namorada. Meu Deus, por que eu tinha permitido que ele usasse o meu lugar, três meses atrás? Sempre a mesma coisa: um sentimento de que devia a ele tudo o que eu tinha de melhor, quando sei que não foi exatamente isto que acontecera. Ele me lançava os restos de seu prato e eu tomava estes restos como se fossem um banquete feito exclusivamente para mim.

– Hoje à noite, não vai ser possível para mim.

– Não vou demorar – disse ele. – A gente chega aí umas sete e meia e sai lá pelas nove. Quero dar uma rapidinha.

Eu fico em silêncio, com ódio deste suíno. Não sei por quê, ou melhor, acho que sei: os meus sentimentos para com ele mudaram instantaneamente. Aonde foram parar as recordações da infância, aonde foi parar tudo o que eu guardava dentro de mim, como se fosse sagrado?

– Está acontecendo alguma coisa? Fala – ele diz estas palavras suavemente, como se soubesse que poderia facilmente me dobrar.

Acabo aceitando e ele desliga. O pior é que sinto um ar de triunfo no tom dele. Isto me humilha e quando mergulho mais fundo neste sentimento, protejo-me voltando a pensar nos princípios.

Vou até a cozinha e faço um chá de erva-cidreira, que tem efeito muito calmante sobre mim. Nem espero que esfrie. Levo a panelinha para a sala e vou tomando em uma xícara de plástico. Fico prestando atenção no prédio em frente. São mais ou menos quatro horas da tarde e não tem ninguém nas janelas, coisa muito rara. Tomo o chá em goles pequenos, deixando que esfrie em minha boca.

Toca o telefone novamente. Deixo que toque por um longo tempo, achando que a pessoa iria desistir. Mas não o faz. Vou atender. É o meu tio novamente.

– Vou trazer uma amiga da (...), para você conhecer – ele diz, tentando soar bem amigo, tentando me fazer lembrar dos velhos tempos.

– Não quero ver nenhuma amiga da (...).

– Você vai gostar. A (...) disse que ela é muito carinhosa. E você precisa conhecer mais moças.

– Posso cuidar de minha vida sozinho – eu digo quase gritando, e ele parece parar para pensar.

Ele se torna mais persuasivo e sugere que eu dê uma volta com a amiga da (...), enquanto os dois estiverem no meu apartamento. Achei que não era uma má ideia. Quando desligou, fiquei minutos com o telefone na mão, sentindo mudar alguns de meus sentimentos em relação ao meu tio. Acho que ele realmente gosta de mim.

Vejo que teria três horas até que meu tio chegasse. Tanta coisa por fazer. Acendo um incenso e penso que, talvez, seria bom tentar colocar alguma coisa sobre os princípios no papel. Fico meia hora procurando um caderno, onde tinha anotado algumas impressões sobre a minha iluminação. Achei-o atrás de uns livros e nem me lembro quando o pusera lá.

Fico olhando a capa do caderno, onde uma adolescente abraçada a uns livros salta em frente a um prédio onde está escrita a palavra universidade. Era um desenho, de

modo que a garota não existia. Fico pensando na diferença entre o não existir dela e o meu. Tomo um último gole do chá de erva-cidreira, que já está quase frio.

Releio uma vez mais o meu relato da iluminação. Por certo, trata-se da única certeza de que disponho. De fato, dali partem todos os princípios e a nova orientação de minha vida.

Não consigo escrever uma linha sequer. Isto não me amofina. Acho que não é tão importante, e que algum dia no futuro serei capaz de fazê-lo. Guardo novamente o caderno atrás dos livros e busco forças para ligar para Va Kuo.

Finalmente, a coragem. Ligo e dizem-me que ele teve de viajar para a Tailândia e que estaria de volta dentro de dez dias. Fico feliz por ter tido coragem e aliviado porque sentia que o dia não poderia ter sido hoje.

Entretanto, esta paz que se instalou em mim não foi duradoura. Minutos após ter falado com quem, talvez, fosse um empregado da embaixada, senti um profundo desespero. Havia a possibilidade, não sei se remota, de que Va Kuo fosse assassinado na Tailândia. Algo em seu destino envolvia ações muito violentas contra ele. Fechei os olhos e vi um punhal perfurando o seu peito e encontrando o seu coração. Em segundos o seu coração transformara-se no meu coração e eu não sabia direito quem estava a morrer. Certamente, era Buda que morreria junto de nós todos.

Já que não conseguia escrever sobre os princípios, resolvi arrumar meus papéis. Pus em ordem uma dezena de cartas que recebi de Maria, quando eu me encontrava no mosteiro. Ela parecia só dizer uma coisa: que eu voltasse para os seus braços. Como sempre tive inveja dela: como eu gostaria de amar alguém com a intensidade com que ela me amava. Mas tudo parecia mentira. Quando voltei, Maria estava casada com o meu irmão e me tratou como se eu fosse um estranho. Deveria ter mostrado as cartas a ele e liquidado o casamento. Não quis. A minha vingança é que ele se casava com uma mulher tão hipócrita.

Agora, que estão todos mortos, de que adianta guardar estas dez cartas? E se realmente a iluminação firmar-se poderei dispensar os ciúmes, as dores de cotovelo, os ódios e tudo o mais. Até lá, porém, guardo estas cartas.

Pus as cartas em uma gaveta e depois comecei a arrumar as fotos que arranquei do álbum de minha mãe. Eram umas trinta, dos meus dois tios, até os meus dez anos. Não

tinha nenhuma foto dos meus primeiros anos. É que um dia de muita chuva, a enchente invadiu nossa casa, carregando tudo. O álbum, com o meu primeiro cachinho cortado, também se foi.

Estava enjoado de olhar para estas fotos. Eu as tinha arrancado dois meses atrás, quase diante de minha mãe, deitada na cama e sedada para enfrentar as dores. Ela não viu nem ouviu qualquer coisa.

Queria saber se havia algum sinal de minha escolha nos meus rostos infantis. Lera repetidas vezes que os iluminados, às vezes, apresentam um sorriso de bem-aventurança, que infelizmente não encontrei em qualquer foto. Meus olhares e meus poucos sorrisos eram bem bobos e não prenunciavam absolutamente nada. Depois de ficar examinando as fotos por algum tempo, foram postas de lado, porque enjoiei de meus modos de criança.

O resto dos papéis, arrumei-os rapidamente. E fui para o quarto da meditação **tentar novamente**.